



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**

**CAMPUS CHAPECÓ**

**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**EMILIA ROYER**

**A LÍNGUA, A CASA E A FESTA: O PATRIMÔNIO  
DE ORIGEM ALEMÃ EM SÃO CARLOS - SC**

**CHAPECÓ**

**2017**

**EMILIA ROYER**

**A LÍNGUA, A CASA E A FESTA: O PATRIMÔNIO  
DE ORIGEM ALEMÃ EM SÃO CARLOS - SC**

**Trabalho parcial de conclusão de curso  
de graduação apresentado como  
requisito para obtenção de grau de  
Licenciado em História na Universidade  
Federal da Fronteira Sul.**

**Orientador. Prof. Dr. Jaisson Teixeira  
Lino**

**CHAPECÓ**

**2017**

**PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas**

Royer, Emilia

A língua, a casa e a festa: O patrimônio de origem alemã em São Carlos - SC/ Emilia Royer. -- 2017.  
79 f.:il.

Orientador: Jaisson Teixeira Lino.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura História , Chapecó, SC, 2017.

1. Patrimônio. 2. Identidade. 3. Memória. I. Lino,  
Jaisson Teixeira, orient. II. Universidade Federal da  
Fronteira Sul. III. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

### ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Ao quarto dia do mês de dezembro de dois mil e dezessete, às dez horas, nas dependências do Campus Chapecó da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), reuniu-se a banca avaliadora da monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História constituída pelos professores: **Prof. Jaisson Teixeira Lino (Orientador)**, **Prof. André Luiz Onghero (Avaliador)** e o **Prof. Francimar Ilha da Silva Petrolí (Avaliador)**. O Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História - Licenciatura – elaborado pela acadêmica **Emilia Royer** sob o título: *A língua, a casa e a festa: o patrimônio de origem alemã em São Carlos - SC.* 10,0 sendo considerado APROVADO.

Chapecó - SC, 04 dezembro de 2017.

Prof. Jaisson Teixeira Lino- Orientador

Prof. Prof. André Luiz Onghero – Avaliador 1

Prof. Francimar Ilha da Silva Petrolí - Avaliador 2

Dedico este trabalho a minha família pelo incentivo recebido nessa caminhada. Dedico também aos meus professores e amigos pelo incondicional apoio durante este período. Enfim, muito obrigado à todos!

## AGRADECIMENTOS

Quero aqui externar a minha gratidão primeiramente a minha família. Um muito obrigado aos meus pais Anselmo e Maria Salete, por me apoiarem, incentivarem, reforçarem a importância do estudo e pelos exemplos de caráter e de vida que me passam. Agradeço ao meu irmão Renan que sempre me motivou e foi paciente comigo durante essa etapa final.

Ao meu noivo Paulo por ser essa pessoa paciente. Por estar ao meu lado em todos os momentos de angústia, dúvidas e incertezas. Acima de tudo, agradecer pela transmissão de pensamentos positivos para enfrentar os obstáculos que surgiam. Obrigada por demonstrar tanto amor e carinho.

Meus sinceros agradecimentos ao professor Jaisson, meu orientador, por abraçar o meu projeto. A ele, agradeço o tempo disponibilizado para as pesquisas de campo, pela atenção e pelos direcionamentos para alcançar os melhores resultados nesta pesquisa.

Aos meus colegas de graduação, por todos os momentos vivenciados no decorrer deste percurso. Pelas risadas, debates, conversas e apoio: Maiara Cristina Altenhofen, Fernando Luis Rech, Fábio Araújo, Kelvin Bonsere, Maicon da Silveira e Vanessa Pereira.

Agradeço aos meus colegas do trabalho, em especial ao Jefferson, Andrea, Alecssandro e Ana Cláudia os quais sempre transmitiram apoio intelectual e emocional.

Agradecer ao professor Francimar Petrolí pela paciência e contribuições na elaboração do projeto de pesquisa. Professora Daiane Machado pelos apontamentos e discussões feitas na disciplina de TCC I. Professor José Carlos Radin pela contribuição na banca de qualificação e ao professor Délcio Marquetti pelas conversas e motivação na disciplina de TCC II. Um muito obrigado a todos os professores do curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó, os quais sempre transmitiram apoio e conhecimento no decorrer da graduação.

Agradecer aos proprietários das casas de enxaimel e ao conselho da comunidade de Linha São João – São Carlos por permitirem realizar os trabalhos de campo e contribuírem para o desenvolvimento da pesquisa.

Enfim, agradecer a todas as pessoas e instituições que, de alguma forma, contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Muito Obrigado!

## **RESUMO**

O presente trabalho consiste de um estudo realizado no município de São Carlos (SC), que tem por objetivo analisar como a sociedade são-carlense de origem germânica se relaciona com seu patrimônio cultural, como por exemplo, a Festa do Kerb, Arquitetura Enxaimel e o Dialeto Hunsrück. Estes três elementos culturais são representantes da cultura e da tradição dos descendentes dos imigrantes e migrantes alemães que fizeram/fazem parte da história do município. A pesquisa desenvolvida consta de fotografias, fontes orais, trabalho de campo para o mapeamento de casas enxaimel e a participação na festa do Kerb. A casa, língua e festa fazem parte de uma tradição constituída, ao longo de anos, onde ocorre a afirmação da identidade do grupo.

**Palavras-Chave: Patrimônio Cultural. Identidade. Memória.**

## **ABSTRACT**

**The present work consists of a study carried out in the city of São Carlos (SC). This research aims to analyze how the São Carlos society of Germanic origin is related to its cultural heritage, such as the Kerb Feast, the Enxaimel Architecture and the Hünsruck Dialect. These three cultural elements are representatives of the culture and tradition of the descendants of German immigrants and migrants who have been / are part of the history of the municipality. The research developed consists of photographs, oral sources, fieldwork for the mapping of half-timbered houses and participation in the Kerb party. The house, language and party are part of a tradition built over the years, where the affirmation of the identity of the group occurs.**

**Keywords: Cultural Heritage. Identity. Memory.**



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Localização do município de São Carlos .....	24
Figura 2 -Imagem de São Carlos em 1931 .....	28
Figura 3 - Primeiros colonos fazendo a abertura de roças e estradas na década de 1930. ....	29
Figura 4- Divulgação do Kerb em jornais e rádios .....	37
Figura 5 - Decoração feita no Kerb .....	38
Figura 6 - Desfile pelas ruas do município.....	39
Figura 7 - Procissão com o santo padroeiro São João Batista.....	40
Figura 8 - Jantar servido durante a festividade.....	41
Figura 9 - apresentação do grupo de danças.....	42
Figura 10 – Soberanas e dois membros do conselho comunitário segurando a Kerbflasche.....	43
Figura 11 - Momento da entrega da garrafa do Kerb e a dança da valsa. ....	44
Figura 12 - Família de Lucinda Zart almoçando no terceiro dia de festa e mesa com café da tarde.....	45
Figura 13 - Casa construída na técnica do blocausse .....	47
Figura 14 - Sistema construtivo baixo-saxão .....	48
Figura 15 - Marcação na madeira em casa de enxaimel em São Carlos – SC.....	52
Figura 16 - Estrutura de madeira de uma casa enxaimel em São Carlos -SC .....	53
Figura 17 - Casa residencial em enxaimel.....	54
Figura 18 - Casa residencial em enxaimel.....	55
Figura 19 - Casa residencial em enxaimel.....	56
Figura 20 - Casa residencial em enxaimel.....	56
Figura 21 - Casa residencial em enxaimel.....	57
Figura 22 - Casa residencial em enxaimel.....	58
Figura 23 - Casa comercial em enxaimel. ....	58
Figura 24 - Edifício público em enxaimel.....	59
Figura 25 - Casa residencial em enxaimel.....	60
Figura 26- Casa de enxaimel construída nos anos de 1943 e 1944 pela família Ternus em São Carlos – SC .....	62
Figura 27 - Partes da casa onde há o reboco e preenchimento dos tijolos com barro. ....	63
Figura 28 - Pinturas encontradas na parte interna da casa.....	64
Figura 29 - Mapa localizando a região do Hunsrück na Alemanha .....	66

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Procedência de grupos alemães vindos ao Sul do Brasil .....	20
---	----

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 A COLONIZAÇÃO ALEMÃ NA CIDADE DE SÃO CARLOS – SC.....</b>	<b>17</b>
2.1 O CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO SUL DO BRASIL .....	17
2.2 A COLONIZAÇÃO EM SÃO CARLOS .....	23
<b>3 OS PATRIMONIOS DE ORIGEM ALEMÃ E O SER ALEMÃO NA CIDADE DE SÃO CARLOS.....</b>	<b>32</b>
3.1 FESTA DO KERB, ARQUITETURA ENXAIMEL E O DIALETO HUNSRÜCK COMO SÍMBOLOS DA COMUNIDADE SÃO- CARLENSE.....	32
3.1.1 A Festa do Kerb em São Carlos. ....	33
3.1.2 O patrimônio enxaimel em São Carlos –SC.....	45
3.1.3 A língua: O dialeto Hunsrück.....	65
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>77</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil, desde seus primórdios, teve uma formação pautada por uma rica diversidade cultural, reconhecida não só pelos brasileiros, como também em todo o mundo. Os traços étnicos do povo brasileiro sempre foram tradicionalmente atribuídos aos portugueses, negros e indígenas, explicando a formação e as particularidades históricas do país.<sup>1</sup> A partir da primeira metade do século XIX, porém, outros grupos sociais também foram pouco a pouco contribuindo para a formação e multiplicidade da cultura brasileira: tratam-se dos imigrantes originários de nacionalidades variadas que chegaram para formar o que hoje é o Brasil, um país constituído por múltiplas etnias e culturas.

A política imigratória no Brasil foi projetada pelo governo imperial e ela foi direcionada ao povoamento de terras devolutas. Os primeiros imigrantes alemães, que tem nessa pesquisa maior interesse, chegaram ao sul do país no ano de 1824. A fundação da colônia de São Leopoldo no estado do Rio Grande do Sul tornou-se o marco da imigração alemã no Brasil. Além dessa colônia, foi fundada em 1829 a comunidade de São Pedro de Alcântara, dando início à colonização alemã no estado de Santa Catarina<sup>2</sup>.

Na região oeste do estado catarinense, os processos de colonização de origem europeia tiveram início durante a primeira metade do século XX. Neste contexto, fundaram-se no oeste do estado colônias de etnias alemãs, italianas, teuto-russas e polonesas. Essas colônias eram habitadas por grupos provenientes diretamente da Europa ou sobrevividas do estado vizinho do Rio Grande do Sul<sup>3</sup>. Os imigrantes<sup>4</sup> e migrantes<sup>5</sup> que se instalaram no oeste catarinense eram grupos étnicos diferentes e que possuíam particularidades consideráveis.

No caso do alemães, ao se depararem com uma cultura estranha, fez com que estes indivíduos desenvolvessem entre eles um sentimento de pertencimento étnico em comum. Desta forma, os costumes dos mais variados tipos, a arquitetura própria e

---

<sup>1</sup> Sobre a escrita da história do Brasil e o debate sobre a identidade nacional: GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. **Nação e Civilização nos Trópicos**: O Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma história nacional. Rio de Janeiro: 5 – 24. 1988.

<sup>2</sup> CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. Florianópolis: 1994. p.207-208.

<sup>3</sup> Ver autores que trabalham sobre: Piazza, 1994; Radin, 2006; Renk, 1997; Vicenzi, 2008; Werlang, 1999.

<sup>4</sup> O termo imigrante abordado ao longo deste trabalho se refere aos grupos de pessoas que chegam de outro país e passam a se estabelecer no Brasil.

<sup>5</sup> Essa expressão se refere ao movimento populacional dos indivíduos alemães que vieram do Estado do Rio Grande do Sul para Santa Catarina.

característica, os dialetos falados e a religião trazida de seu local de origem fizeram com que estes espaços atingidos pela imigração/migração começassem a passar por uma diversificação sociocultural.

Um dos municípios do oeste catarinense que foi colonizado por imigrantes e migrantes de origem alemã foi São Carlos. Os indivíduos de origem germânica que chegaram a essa localidade mantiveram a cultura e língua materna, procurando sempre manter o modo de vida de seus lugares de origem. Os munícipes de São Carlos herdaram esses modos e costumes de seus antepassados e estes elementos se fazem presentes no cotidiano da população são-carlense e podem ser reconhecidos como patrimônio histórico e cultural. Atualmente, o patrimônio da referida cidade se encontra em suas construções, costumes, saberes e festas. O patrimônio também é expresso através de palavras carregadas de sotaque do dialeto Hunsrück, que está presente no cotidiano comunicativo de seus moradores.

O patrimônio de origem germânica existente no município de São Carlos é historicamente construído e cria um sentimento de pertencimento dos indivíduos a um grupo, sentimento esse que acaba por assegurar uma relativa manutenção da identidade cultural e histórica dos são-carlenses.

Diante do que foi exposto, a proposta desta pesquisa é entender como este patrimônio cultural foi e ainda é utilizado para criar sentimentos de identidade entre os membros da etnia alemã na cidade de São Carlos.

Para entender como são criados os sentimentos de identificação a partir dos patrimônios existentes no município, serão analisados três elementos culturais, sendo eles a Arquitetura Enxaimel, o Dialeto Hunsrück e a Festa do Kerb. Desta forma, temos um município de porte pequeno com uma forte influência de descendentes de imigrantes alemães, o que permite que se observe a forma como estas pessoas se identificam com os patrimônios existentes na localidade, bem como analisar uma possível diferenciação étnica destes com os cidadãos não descendentes de imigrantes.

Ao tentar entender como ocorre essa identificação a partir dos patrimônios, foram utilizados alguns autores que conceituam identidade e cultura. Apesar disso, por se tratar de um ambiente onde há grande influência de aspectos germânicos, foi preciso fazer uma análise sobre o papel da tradição na cultura. Neste sentido, além-se ao que conceituam Hobsbawm e Ranger ao pontuar que a tradição é norteadora para compreender algumas ações de repetição que caracterizam a continuação de aspectos culturais de uma determinada cultura. Os referidos autores entendem por “tradição

inventada” um conjunto de práticas reguladas por regras, de natureza formal ou simbólica, que visam empregar valores e normas de comportamentos por meio da repetição, resultando dessa forma, numa continuidade em relação ao passado<sup>6</sup>.

Há pouco tempo, o conceito de patrimônio era reduzido somente aos bens físicos. Porém, desde o final do século XX, o patrimônio cultural começou a ser visto sob outra ótica e tornou-se importante nas questões voltadas às identidades e a memória. Assim sendo, neste trabalho o termo patrimônio cultural será compreendido como sendo um conjunto de bens, manifestações, tradições, tanto materiais quanto imateriais, que são reconhecidos pela importância histórica e cultural de uma região<sup>7</sup>. A fim de entender como são usados os patrimônios pela comunidade são-carlense, foram relacionados alguns autores que trabalham com o assunto, auxiliando para o entendimento da temática.

A memória é um elemento fundamental na construção identitária. O sentimento de pertencer a um determinado grupo não está unicamente associado a uma questão espacial, mas surge vinculado ao conceito de patrimônio cultural, uma vez que o mesmo constitui, por meio dos fazeres de uma comunidade, processos de afirmação de identidade. Segundo Sandra Pelegrini<sup>8</sup>, as noções de patrimônio cultural estão vinculadas às de lembrança e de memória, que são fundamentais no que diz respeito a ações patrimonialistas, uma vez que os bens culturais são preservados em função da relação que mantêm com as identidades culturais.

Dessa forma, a identidade pode ser concebida a partir de sistemas culturais. Nesta lógica, a identidade é compreendida como culturalmente formada, um posicionamento e não uma essência, ligada à discussão das identidades culturais, nacionais e as que se formam por sentidos cambiantes e contínuos do cotidiano do sujeito<sup>9</sup>. Neste mesmo sentido, Fredrik Barth conceitua que a identidade é uma espécie de fidelidade e solidariedade a características comuns que são expostas através da cultura e que, em

---

<sup>6</sup> HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.). **Tradições inventadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. P. 09

<sup>7</sup> Autores que trabalham o patrimônio sob este viés: LEMOS, Carlos. **O que é Patrimônio Histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1981 e FUNARI, Pedro Paulo e PELEGRINI, Sandra. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro:2006.

<sup>8</sup> PELEGRINI, Sandra C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 26, n. 51, p. 115-140, 2006.

<sup>9</sup> HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996, p. 68-75.

confronto com outros grupos, promove a identificação do sujeito quanto ao seu pertencimento étnico<sup>10</sup>.

Nesta percepção, patrimônio e memória estão inter-relacionados, já que os dois fazem referências aos conhecimentos de um grupo social e conseqüentemente ao sentido de pertencimento a uma cultura e sociedade. A memória é responsável em definir o que é comum e diferente a um grupo, e no momento em que isto ocorre reforça-se o sentimento de pertencimento.

Tanto o patrimônio material quanto o imaterial proporciona aos cidadãos que eles comunguem de uma origem comum, ou seja, o patrimônio sendo uma representação da memória faz com que ocorra uma vinculação de experiências coletivas e individuais, que acabam por caracterizar a trajetória de vida.

Segundo Pierre Nora, a memória é vida, está sempre presente em grupos e em estado de permanente evolução. É um fenômeno sempre atual, um elo vivido no presente. Para ele, a memória emerge de um grupo que ela une, tem natureza múltipla, coletiva e individualizada; a memória se fixa no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. Desta forma, considera-se que por ser um fenômeno selecionado e construído, a memória passa por inúmeras transformações, conforme a variação dos elementos que a significam.<sup>11</sup> A memória pode ser compreendida como um fenômeno que constrói a identidade na medida em que ela é o suporte para as experiências vividas dos grupos sociais, é o elemento que assegura o sentimento de pertencimento, que por sua vez, confere identidade. E é justamente essa problemática em relação à identidade que se pretende abordar ao longo deste trabalho.

Para a consecução desta pesquisa nos utilizamos de um conjunto de fontes disponíveis, como testemunhos orais, fotografias, documentos escritos e a observação etnográfica. Para entender como ocorre à diferenciação étnica através da língua e a construção da identidade a partir de manifestações culturais, propõem-se usar as fontes orais. A memória é fundamental a um grupo porque está ligada a construção de sua identidade, assim sendo, é possível estudar a memória de pessoas ou grupos através dos seus testemunhos.

Ao se voltar para as fontes, além de entrevistas, foram mapeados alguns documentos iconográficos. As fotografias possuem informações imagéticas relacionadas

---

<sup>10</sup> BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF- FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998. p.194 -205.

<sup>11</sup> NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, PUC, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.

à colonização e ao patrimônio, como, por exemplo, a chegada das famílias de migrantes e imigrantes, habitações em estilo enxaimel e festividades.

As fontes acima citadas são encontradas na Casa da Memória de São Carlos. As entrevistas que estão disponíveis no acervo foram realizadas com munícipes são-carlenses onde estes falam sobre o município e expressam sua opinião, sentimentos e relação com o patrimônio cultural existente no local. As fontes orais a serem utilizadas, fazem parte do acervo da instituição anteriormente citada e o ano de realização das entrevistas é de 2009, 2011 e 2017, portanto, são fruto de entrevistas feitas com descendentes dos primeiros colonos que se estabeleceram no município. Nestas fontes, os entrevistados relatam como se deu a vinda e a organização dos primeiros migrantes em São Carlos.

Contudo, também foi feita pesquisa de campo para observar e descrever a festa do Kerb, além de ter sido realizado um mapeamento da arquitetura enxaimel na cidade. Na pesquisa etnográfica<sup>12</sup> utilizamos a “descrição densa”, que é o objeto da etnografia. O antropólogo Clifford Geertz conceitua esse método e defende que as anotações etnográficas devem priorizar a qualidade ao invés da quantidade. Geertz enfatiza que a etnografia não se constitui apenas da observação e registro, mas principalmente da interpretação. Desta maneira, buscou-se interpretar as manifestações existentes que dizem respeito à cultura alemã.

O presente trabalho foi dividido em dois capítulos. O primeiro capítulo se voltou para o movimento migratório alemão. É feita uma abordagem sobre a imigração alemã no sul do país e foi analisada a colonização do município de São Carlos por imigrantes/migrantes germânicos.

O segundo capítulo tratou os três patrimônios de origem alemã encontrados em São Carlos. Sobre a Festa do Kerb, se aborda a forma como acontece a realização desta festa, buscando perceber as invenções culturais existentes na mesma e a forma que os são-carlenses associam o festejo a sua identidade. Neste mesmo capítulo, é feita uma abordagem sobre o dialeto Hunsrück onde analisamos de que forma ocorre/ocorreu a diferenciação étnica dos munícipes a partir do dialeto e a criação do sentimento de pertencimento. Por fim, é feita uma análise da arquitetura enxaimel, trazendo uma discussão sobre o estilo arquitetônico e a forma que os indivíduos são-carlenses se

---

<sup>12</sup> Sobre a pesquisa etnográfica: GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

identificam com essas construções. Do conjunto de patrimônios da colonização alemã de São Carlos escolhemos três para analisar (um material e dois imateriais) como diagnósticos da intensa presença ainda na atualidade das manifestações culturais no município. Porém, além destes, tem-se ainda a culinária, com seus pratos típicos, que não será objeto desse estudo.



## 2 A COLONIZAÇÃO ALEMÃ NA CIDADE DE SÃO CARLOS – SC

Este capítulo tem por objetivo abordar a imigração alemã para o sul do Brasil e a colonização do município de São Carlos. São Carlos, localizada no oeste catarinense, é um local que recebeu levas de imigrantes europeus no século XX. Desde o princípio, o município foi visto como uma localidade que possui sua origem ligada aos imigrantes ou descendentes dos imigrantes alemães. O patrimônio histórico e cultural de São Carlos se encontra próximo de seus moradores, pois foram constituídos ao longo dos anos e acabaram por criar uma identidade e sentimento de pertencimento a um grupo étnico. Neste capítulo abordaremos como esses sujeitos históricos organizaram-se socialmente na cidade de São Carlos.

### 2.1 O CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO SUL DO BRASIL

A imigração alemã para o Brasil foi um movimento complexo que teve início no século XIX para várias regiões do país. Essa imigração recebeu um estímulo muito grande com a chegada da família real ao Brasil em 1808. Ao chegar no país, Dom João VI se depara com os “vazios demográficos” que o Brasil ainda possuía. Estes, por sua vez, eram localizados em áreas onde não havia a delimitação de fronteiras e cujo território estava em disputa com a América espanhola. Preocupado em não perder determinadas regiões, D. João VI investe na imigração, tendo como objetivo povoar essas áreas, acabando com o “vazio demográfico”.

O Brasil era visto como um país não civilizado e enxergava-se nestes possíveis imigrantes europeus o desenvolvimento do país, uma vez que estes indivíduos trariam junto de si as técnicas e saberes do local de origem. Surge a partir daí a política de imigração e colonização com germânicos<sup>13</sup>. Diversos fatores explicam a preferência pelo povo germânico, um destes é o fato da Imperatriz D. Leopoldina possuir origem germânica. Neste sentido:

A predominância de alemães nos primeiros projetos mais consistentes de colonização pode ser explicada pela presença influente de indivíduos de ascendência germânica junto ao Governo imperial brasileiro, e seu papel na orientação da política imigratória nos seus primórdios. A própria nomenclatura das colônias – Leopoldina, São Leopoldo, São Pedro de Alcântara – remete a Imperatriz Leopoldina e seu filho<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> A colonização tem um caráter de ocupação de um território novo, mas também de domínio e instalação cultural, uma vez que a cultura do colonizador é transposta ao território novo. (SILVA, 2009)

<sup>14</sup> SEYFERTH, Giralda. **A Colonização Alemã no Brasil: Etnicidade e Conflito**. In: Fausto, Boris (org). *Fazer a América*. São Paulo, EDUSP, 2000. p. 277.

Os indivíduos de ascendência germânica pareciam ser a escolha perfeita para a ocupação das terras brasileiras. Uma questão que surge na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX são as teses eugenistas<sup>15</sup>. Defendia-se a ideia de que o homem branco europeu era superior às demais “raças”. A ideia de reprodução entre as diferentes raças toma corpo defendendo que o caldeamento das raças daria origem a uma população tipicamente brasileira. A teoria do branqueamento que surge entre os pensadores brasileiros defendia o caldeamento da raça e pressupunha que as características da raça superior superariam a inferior e que com a miscigenação a raça negra seria suplantada e desapareceria<sup>16</sup>. Assim sendo, os sujeitos germânicos foram considerados um povo instruído, pois eram de origem europeia, ou seja, homens brancos que chegariam ao continente americano para constituir uma nação branca.

Para compreender a imigração alemã para o Brasil é necessário explicitar o motivo pelo qual essas pessoas deixaram o seu país de origem para chegar num espaço desconhecido e tentar uma vida nova. A distância a ser percorrida de um continente para o outro era muito grande. Europeus de diferentes nacionalidades se propuseram em fazer a viagem rumo ao continente americano. A consequência da Revolução Industrial é o principal motivo pelo qual indivíduos saíram da Alemanha. As máquinas e as indústrias foram sendo introduzidas e conseqüentemente os artesãos e homens do campo viram seu sustento desmoronar. Por conseguinte:

Fertilizantes químicos aumentaram a produtividade e uma maquinaria cada vez mais complexa, dispensou, gradativamente, mais pessoas das colheitas e da debulha, que era uma das principais atividades de inverno. Além disso, a produção fabril veio competir e superar o trabalho artesanal, que era uma das formas de aquisição de rendimento suplementares para o camponês<sup>17</sup>.

Essas mudanças, descontentamentos e desestabilização com a estrutura industrial fizeram com que o continente americano fosse visto como um lugar para conseguir construir uma vida melhor. “A procura de trabalho e o sonho de conseguir um pedaço de terra tornavam a América, onde havia terras disponíveis em abundância, o centro das atenções de grandes massas de europeus que em muitos casos viviam em estado de

---

<sup>15</sup> Essas teses defendiam um padrão genético superior para a “raça” humana. As teses de eugenia são abordadas em: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil**. São Paulo, 1993.

<sup>16</sup> SEYFERTH, Giralda. “Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização”. In: MAIO, M. C. e Santos, R. V. (orgs.). **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz/CCBB, 1996

<sup>17</sup> WEIMER, Günter. **Arquitetura popular da Imigração alemã**. 2 ed, Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2005. p.36.

pauperismo”<sup>18</sup>. Assim sendo, percebe-se que os problemas sociais e econômicos da Europa são os criadores da ambiência motivadora da emigração daqueles países. Formam-se a partir disso as ideias migrantistas que enxergam na América o fácil acesso às terras, abundância no trabalho e chances de enriquecer e possuir uma vida melhor.

Uma primeira tentativa de implantação de colônias alemãs ocorreu na Bahia<sup>19</sup> e no Rio de Janeiro, estas consideradas o início de uma imigração coordenada pelo Estado brasileiro no século XIX, porém foram experiências efêmeras. O primeiro navio com alemães ancorou no porto do Rio de Janeiro e os colonos foram enviados para a colônia suíça de Nova Friburgo, como um destino provisório. Essa colônia se localizava na região serrana do Rio de Janeiro e pode-se dizer que sua fundação foi, sem dúvida, a primeira tentativa oficial de instalar uma colônia agrícola com europeus não portugueses. Havia um discurso na metade do século XIX que a região norte do Brasil não era apropriada para a colonização com europeus e isso fez com que o Estado direcionasse os projetos de colonização para o sul. As levas de imigrantes foram destinadas para o Vale do Rio dos Sinos no Rio Grande do Sul.

Na década de 1830, devido à Guerra dos Farrapos, a imigração alemã foi interrompida no sul no Brasil. Depois de 1845, por interesse do Governo Imperial, se retoma o processo de imigração alemã. Para Seyferth, durante o Império, a ênfase na imigração alemã tinha relação direta com os interesses brasileiros de “instalar no país agricultores livres, 'civilizados', em regiões não ocupadas pela grande propriedade, sob controle do Estado”<sup>20</sup>. Esse interesse por parte do governo em desenvolver uma agricultura baseada na pequena propriedade foi algo muito importante na colonização do sul do Brasil. Colonizar no século XIX significava para o governo “introduzir com novos habitantes, mão de obra inexistente no lugar, e, de outro lado, emprega-lá nos estabelecimentos agrícolas”<sup>21</sup>. O controle e a direção de todo o processo de imigração era acompanhado pelo Estado e as ondas de imigração ocorreram nos anos de 1820, 1850, 1880 e 1890. A última leva significativa chegaria nos anos de 1920. A imigração

---

<sup>18</sup> PETRONE, Maria Thereza Schorer. **O imigrante e a Pequena Propriedade**. 2ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Col. Tudo é História, n. 38). p. 09.

<sup>19</sup> A primeira colônia com alemães foi estabelecida na Bahia e foi considerado um empreendimento mal sucedido devido ao clima tropical. SEYFERTH, Giralda. A Identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia. VASCONCELLOS, Naira. **Os Alemães no Sul do Brasil**: cultura, etnicidade, história. Canoas, 1994, p. 12.

<sup>20</sup> SEYFERTH, Giralda. Identidade Étnica, Assimilação e Cidadania – A Imigração Alemã e o Estado Brasileiro. Anpocs, 2008, p. 01. Disponível em: <[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_26/rbcs26\\_08.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_08.htm)> Acesso em: 13 jun. 2017

<sup>21</sup> ROCHE. Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969, p.02.

alemã tornou-se inconveniente quando começaram a surgir conflitos, motivados por disputas étnicas ou religiosas. Após 1930, houve uma diminuição do movimento migratório, pois surgiram medidas legais e governamentais de restrição à imigração.

A data de fundação da Colônia de São Leopoldo no Rio Grande do Sul, em 25 de julho de 1824, é utilizada por muitos historiadores como o berço da colonização alemã no Sul do Brasil, uma vez que foi um empreendimento bem sucedido. Na Colônia de São Leopoldo foram chegando cada vez mais imigrantes e as terras foram ficando com um valor muito elevado, o que dificultava a sua compra por parte dos imigrantes. Desta forma, a Colônia de São Leopoldo foi o ponto de partida para o aparecimento de novas colônias<sup>22</sup>.

As estatísticas sobre os números de imigrantes vindos ao Brasil são um dos maiores problemas que os historiadores enfrentam, pois é muito difícil conhecer os dados exatos dos imigrantes de cada nacionalidade que se espalharam pelos mais diferentes estados. Assim, o que existe são estimativas dos números de imigrantes vindos até o nosso país. Cerca de 4.500.000 alemães foram dirigidos ao Brasil num universo de mais de 35.000.000 de imigrantes europeus<sup>23</sup>. Além de alemães vieram também italianos, portugueses e espanhóis. Muitos imigrantes se deslocaram para outros países, como por exemplo, Estados Unidos, Argentina, Austrália e Uruguai, entre outros.

Os indivíduos de origem alemã que chegaram ao Sul do Brasil tinham profissões diferentes e provinham das mais variadas regiões, o que permite afirmarmos que existia uma grande diversidade cultural, conforme se observa no quadro 01.

Quadro 1- Procedência de grupos alemães vindos ao Sul do Brasil

Localidade	Fundação	Procedência
São Leopoldo (RS)	1824	Hunsrück, Saxônia, Württemberg, Saxônia- Coburg
Santa Cruz (RS)	1849	Renânia, Pomerânia, Silésia
Santo Ângelo (RS)	1857	Renânia, Saxônia, Pomerânia
Nova Petrópolis (RS)	1859	Pomerânia, Saxônia, Boêmia
Teutônia (RS)	1868	Westfália
São Lourenço (RS)	1857	Pomerânia, Renânia
Blumenau (SC)	1850	Pomerânia, Holstein, Hannover, Braunschweig, Saxônia

<sup>22</sup> ROCHE. Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969, p.341.

<sup>23</sup> **BRASIL: 500 anos de povoamento** / IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. - Rio de Janeiro : IBGE, 2007.232 p.

Brusque(SC)	1860	Bade, Oldenburgo, Renânia, Pomerânia, Schleswig-Holstein, Braunschweig
Joinville(SC)	1851	Prússia, Oldenburgo, Schleswig-Holstein, Hannover, Suíça,
Curitiba (PR)	1878	Teutos do Volga
Santa Isabel (ES)	1847	Hunsrück, Pomerânia, Rênania, Prússia, Sâxonia
Santa Leopoldina (ES)	1857	Pomerânia, Rênania, Prússia, Sâxonia

Fonte: **Brasil: 500 anos de povoamento** / IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. - Rio de Janeiro : IBGE, 2007.232 p.

O maior número dos imigrantes camponeses vindos ao sul do país teriam sua origem vinculada a região do Hunsrück<sup>24</sup>, os quais em sua maioria eram alemães católicos e falantes do dialeto Hunsrückisch, denominado de hunsqueriano no português brasileiro.

Jean Roche expõe que de 1824 a 1830, entraram no Rio Grande do Sul cerca de 5350 imigrantes<sup>25</sup>. Neste mesmo período foram fundadas também as colônias de São Pedro de Alcântara, em Mafra (SC) e Rio Negro (PR).

Em Santa Catarina, os imigrantes se instalaram primeiramente no Planalto Norte e no Vale do Itajaí, e seu estabelecimento no estado ocupou regiões cobertas de florestas. As colônias do oeste catarinense e paranaense foram quase todas estabelecidas no século XX, e grande parte dos colonos assentados migrou das regiões mais antigas de colonização alemã. Apesar de haver inúmeras colônias, havia uma característica em comum, ou seja, ocuparam matas. Desta forma, Seyferth nos coloca que “os imigrantes foram assentados em áreas de floresta, a demarcação de lotes acompanhando os vales dos rios. Em todas elas houve a formação de sociedades camponesas com a economia baseada na pequena propriedade familiar policultora”<sup>26</sup>.

A densa floresta que cobria as regiões, o relevo acidentado e a falta de estrutura dos núcleos fez com que os colonos alemães enfrentassem várias dificuldades nos primeiros anos de sua instalação. Estes problemas fizeram com que informações negativas sobre o Brasil fossem se espalhando quanto à propaganda imigratória europeia, de modo especial aos alemães.

<sup>24</sup> Região da Alemanha situada entre os rios Reno e Mosela.

<sup>25</sup> ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969, p.95.

<sup>26</sup> SEYFERTH, Giralda. Identidade Étnica, Assimilação e Cidadania – A Imigração Alemã e o Estado Brasileiro. Anpocs, 2008, p 05. Disponível em: [http://www.anpocs.org.br/porta/publicacoes/rbcs\\_00\\_26/rbcs26\\_08.htm](http://www.anpocs.org.br/porta/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_08.htm) Acesso em: 13 jun. 2017.

Conforme apontam os autores Piazza e Hübner, o jovem Hermann Bruno Otto Blumenau foi destinado pela “Sociedade de Proteção aos Emigrantes Alemães” para se dirigir até o Brasil e cumprir os objetivos dessa sociedade. Chegando ao país, Hermann Blumenau estabeleceu parceria com um comerciante chamado Fernando Hackradt onde decidiram em parceria que a sede do estabelecimento colonial seria a região banhada pelo rio Itajaí-Açu. Assim, começaram a vir colonos da Alemanha para a Colônia de Blumenau e logo em seguida, houve a fundação de outras colônias.

As colônias de imigrantes alemães no Brasil foram se constituindo com a união dos costumes, hábitos, religião e tradições do local de origem com o ambiente onde passariam a viver. Desta forma, Rosane Neumann aponta que “no local de chegada, os imigrantes buscam (re)construir suas identidades individuais e de grupos étnicos. A formação de identidade é sempre relacional, pois envolve a construção e a afirmação de um nós diante de um outro, ou seja, a alteridade se dá em relação a um outro”<sup>27</sup>. Desta forma, podemos entender que os imigrantes alemães se identificam dentro de um grupo étnico, pois ocorre uma diferenciação étnica para com os demais grupos, no caso, o brasileiros.

Segundo Seyferth, a organização comunitária destas pessoas está inteiramente ligada com a desorganização do Estado durante a colonização. Neste sentido, Seyferth defende que a criação de uma etnicidade teuto-brasileira está relacionada com o uso diário da língua alemã, as escolas étnicas e sociedades culturais recreativas, as quais fazem com que seja reforçada essa ideia de pertencimento étnico ligado a Alemanha<sup>28</sup>. Os imigrantes enxergavam a colônia onde se instalavam como a nova pátria, a cidadania passaria a ser brasileira, mas a etnia continuava sendo a alemã. Assim sendo, Seyferth pontua que “o ato de imigrar significou o rompimento com o país de origem, mas não o Volk (povo/etnia) alemão”<sup>29</sup>. Desta forma, podemos dizer que esse processo resultou no que hoje denominamos de “Teuto-brasileiro”. O conceito de Teuto-brasileiro é colocado por Andre Voigt como uma invenção que gira em torno da imigração alemã ocorrida no sul do Brasil.

---

<sup>27</sup> NEUMANN, Rosane Márcia. **Imigração e Identidade Étnica**: a construção do “ser alemão” no sul do Brasil. História: **Debates e tendências**, v.14, n.1, jan-jun.2014. p.94. Disponível em : <<http://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/viewFile/4168/2693>> Acesso em: 13/06/2017.

<sup>28</sup> SEYFERTH, Giralda. Identidade Étnica, Assimilação e Cidadania – A Imigração Alemã e o Estado Brasileiro. Anpocs, 2008, p 04. Disponível em: [http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_26/rbcs26\\_08.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_08.htm) Acesso em: 13 jun. 2017.

<sup>29</sup> Ibid.,p.6.

No início do século XX, os imigrantes alemães e/ou seus descendentes passaram a ser vistos como um problema pela população e pelos governantes brasileiros. A partir de 1937, no período conhecido como Estado Novo, houve uma repressão às populações das colônias de origem alemã, uma vez que as medidas adotadas neste período visavam diminuir a influência das comunidades de imigrantes estrangeiros no Brasil, forçando desta forma uma maior integração na população brasileira. A língua alemã passou a ser proibida, as sociedades recreativas tiveram uma diminuição das atividades e as escolas passaram a ensinar somente na língua portuguesa. Porém, essa campanha não conseguiu acabar com o sentimento de etnicidade, e toda essa memória dos indivíduos de origem alemã continuou sendo transmitida de geração em geração, como veremos no estudo sobre a identidade cultural dos moradores de São Carlos.

## 2.2 A COLONIZAÇÃO EM SÃO CARLOS

Entre os anos de 1920 a 1960, ocorreu o maior fluxo populacional de gaúchos para as terras catarinenses. As causas dessa migração estariam relacionadas com o esgotamento do solo, retalhamento das propriedades e a descapitalização de grande parte dos colonos gaúchos<sup>30</sup>.

A colonização da região oeste de Santa Catarina está diretamente ligada às empresas colonizadoras. Possuir uma companhia colonizadora era um negócio atrativo financeiramente e algumas delas chegavam a abrir estradas, esperando, em troca, receber do governo terras que seriam divididas em lotes e comercializadas aos indivíduos que possuíam interesse e condições de paga-lá<sup>31</sup>. Desta maneira, as companhias tornaram-se as principais protagonistas pelo processo de povoamento do oeste catarinense. Assim, elas eram responsáveis por “colocar em prática a opção de uma imigração dirigida a grupos específicos que se adequassem aos padrões estabelecidos pelo governo estadual e por elas próprias, ou seja, que povoassem e colonizassem a região ordeiramente”<sup>32</sup>.

---

<sup>30</sup> WERLANG, Alceu Antonio. Colonização Ítalo-brasileira, Teuto-brasileira e Teuto-russa no oeste de Santa Catarina. A atuação da CIA Territorial Sul Brasil. In: **Cadernos do Ceom** – Chapecó: Grifos, 1999. p.18 e 19.

<sup>31</sup> Id. **Disputas e ocupações do espaço no oeste catarinense**: a atuação da Companhia Territorial Sul Brasil. Chapecó: Argos, 2006. p. 45-46.

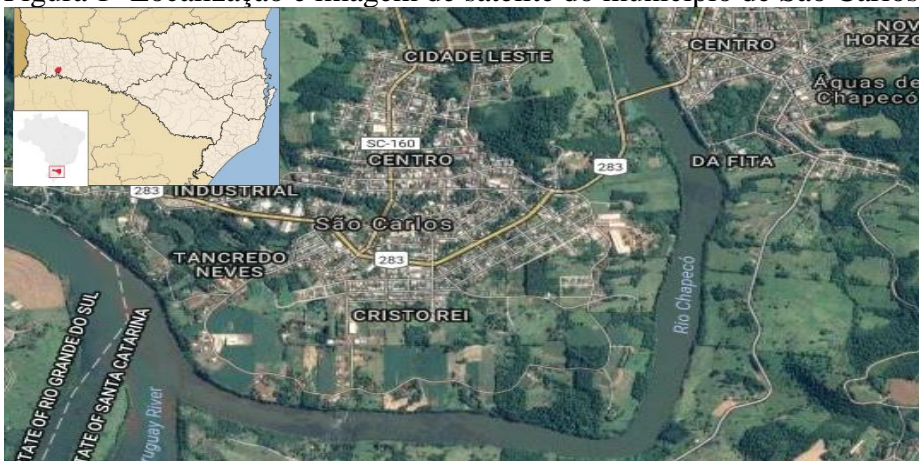
<sup>32</sup> NODARI, Eunice Sueli. **Etnicidades renegociadas**: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina. Florianópolis. ED da UFSC, 2009. p. 34.

As companhias possuíam agentes contratados que estrategicamente faziam propagandas para conseguir atrair mais habitantes. Estes agentes eram escolhidos pelas companhias sob um olhar bastante minucioso, pois era preciso que estes indivíduos tivessem sido colonos, soubessem reconhecer as terras e possuíssem um vínculo familiar amplo para ter a quem oferecer as terras e ter credibilidade<sup>33</sup>.

Um dos territórios que teve suas terras vendidas no ano de 1927 aos migrantes e imigrantes alemães foi a localidade onde atualmente encontra-se o município de São Carlos. No primeiro momento os colonizadores deram a este local o nome de “Porto dos Cantadores”, pois em suas horas de folga, enquanto esperavam as embarcações que vinham pelo rio Uruguai, ficavam no aguardo entoando canções. Mais tarde, em homenagem ao Dr. Carlos Culmey, deu-se ao lugar o nome de São Carlos.

O município teve seu território ocupado de forma sistemática, o que resultou na formação de um núcleo urbano o qual se transformou em 1938 em 14º distrito de Chapecó. A Assembléia Legislativa concedeu a São Carlos a emancipação política administrativa no dia 30 de dezembro de 1953, por meio da lei Nº 130. Porém, efetivamente, o município instalou-se no dia 21 de fevereiro de 1954<sup>34</sup>. O referido município fica aproximadamente 600 km distante da capital Florianópolis e possui uma área de 161,2 Km<sup>2</sup> e conta com 11.038 habitantes<sup>35</sup>. A localização do município no espaço brasileiro e catarinense pode ser observado na figura 01.

Figura 1- Localização e imagem de satélite do município de São Carlos



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/place/S%C3%A3o+Carlos>. Adaptado pela autora, 2017.

<sup>33</sup> NODARI, Eunice Sueli. **Etnicidades renegociadas**: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina. Florianópolis. ED da UFSC, 2009. p. 39.

<sup>34</sup> KERBES. Zenaide Inês Schmitz. **Conhecendo São Carlos**. São Carlos: Editora Porto Novo, 20004. p, 20.

<sup>35</sup> Informações disponíveis em: <<http://cod.ibge.gov.br/1ZBG>>. Acesso em: 05-06-2017



Os descendentes de alemães que se deslocaram do Rio Grande do Sul para Santa Catarina tinham como objetivo a estabilidade econômica e a construção de uma vida melhor. Além disso, acreditavam que as suas práticas socioculturais poderiam ser recriadas. As áreas cobertas de florestas às margens do rio Uruguai passam a ser vistas como uma região que lhes poderia oferecer um futuro promissor. Porém, muitos destes sonhos acabaram se tornando pesadelos. Os colonos que foram introduzidos no oeste catarinense foram de certa forma atraídos por propagandas tentadoras, que se mostravam pouco condizentes com a materialidade do que encontravam. As companhias colonizadoras realizavam uma propaganda que apresentava a região do oeste catarinense como um território muito fértil, onde as terras possuíam um preço acessível, o que atraía ainda mais os agricultores de descendência germânica. Dessa maneira, nota-se que a preocupação das colonizadoras era unicamente demonstrar as vantagens para os migrantes em vez de alertá-los para as dificuldades que seriam encontradas.

Depois de ter comprado terras devolutas na região oeste de Santa Catarina, no ano de 1925, a Companhia Territorial Sul Brasil<sup>36</sup>, sob a coordenação do engenheiro alemão Carlos Culmey<sup>37</sup>, passou a demarcar e a vender essas terras para os agricultores provenientes das chamadas “colônias velhas”<sup>38</sup> do Estado vizinho do Rio Grande do Sul. O projeto colonizador desta empresa era viabilizado pela ação dos agentes propagandistas que atuavam nestas mesmas colônias. Conforme destaca Renk, os propagandistas deveriam ser “colonos, portadores de credibilidade, conhecedores de terras, e ter um círculo relativamente grande de amizade ou ‘conhecidos’ a quem oferecer o produto”<sup>39</sup>.

Estes propagandistas traziam os colonos até as áreas dos lotes que estavam à venda, para fazer uma demonstração do produto ofertado, uma vez que as propagandas feitas pela Cia Sul Brasil, expostas em jornais e revistas<sup>40</sup>, pontuavam a terra fértil e a certeza de boas colheitas. Assim, Hoss confirma essa versão: “Vieram de cavalo também olhar as terras, tinha quatro companheiros. Botaram-se no lombo dos burros e

---

<sup>36</sup> A Companhia Territorial Sul Brasil era uma sociedade anônima, com sede em Porto Alegre (RS), constituída em 23 de maio de 1925, era formada por 14 acionistas. Ver: WERLANG, 2006, p.51.

<sup>37</sup> Carlos Culmey foi contratado para diretor-gerente da Cia Sul Brasil e coube à ele executar o plano de colonização da referida companhia. (WERLANG, 2006)

<sup>38</sup> Este termo se refere às regiões mais antigas da colonização alemã no Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>39</sup> RENK, Arlene. **A Luta da Erva**: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense. Chapecó: Argos, 2006, p. 69.

<sup>40</sup> A propaganda da Cia Sul Brasil era feita em jornais e revistas como a Paulusblatt e Volksblatt. (WERLANG, 2006, p. 1)

vieram olhar as terras.<sup>41</sup>” As companhias colonizadoras sabiam da eficácia dos jornais e não hesitavam em fazer as propagandas para conseguir alcançar seus objetivos.

A venda de lotes de terras era priorizada para colonos da etnia alemã, os quais migraram, em grande quantidade, para essa região. Desta forma, o local foi povoado por grupos de alemães, vindos das colônias velhas originárias do Rio Grande do Sul. Porém, antes da chegada destes migrantes, a localidade já era habitada por outros grupos, como caboclos e indígenas:

[...] isso era puro mato, mas tinha morador. [...] Tinha mais bugre. [...] Morava as vez de intruso. [...] porque não era colonizado. Eles entraram, se aprontaram em qualquer lugar. [...] Eu sei dizer que até o pai comprou muita terra dos intrusos, porque ele não queria encrenca. A companhia era muito enérgica. Chegavam e despejavam. E ele, gente boa, chegava e negociava a terra com eles. Eles foram, e foram pro outro lado do rio Chapecó. Também eram intrusos, né? daí foram parar lá.<sup>42</sup>

A partir do momento em que as companhias iniciaram o processo de colonização desta área, a ocupação de terras pelos caboclos, que estavam habituados num sistema de posse, passou a ser visto como intrusamento, ou seja, uma apropriação ilegítima e uma invasão as terras devolutas<sup>43</sup>. A Cia Sul Brasil não reconhecia o direito de posse e não tinha interesse em fixar os luso-brasileiros, desta forma, a colonização fez com que uma mudança acelerada acontecesse. Renk esclarece que a introdução de valores externos fez com que os caboclos tivessem duas opções:

Adaptar-se ou ser excluída, isto por duas razões: a primeira seria a desestruturação do modo de vida anterior à colonização; a segunda, pelo descompasso criado entre o *habitus* da população e as estruturas econômicas introduzidas pelo colonizador<sup>44</sup>.

Assim sendo, nota-se que houve um processo de exclusão para com os indivíduos que eram posseiros e que estavam fixados nas terras que passaram a ser da Cia Sul Brasil. Depois da maioria das terras serem vendidas, ainda havia uma minoria de luso-brasileiros, porém estes serviam de mão de obra aos colonos ítalos e teuto-brasileiros.

---

<sup>41</sup> Depoimento do Sr. Waldomiro Hoss e Amélia Hoss concedido à Jefferson Luis Ribas de Oliveira no dia 24/03/2017. Acervo Casa da Memória de São Carlos. Frase adaptada pela autora a partir do trecho de entrevista.

<sup>42</sup> Depoimento do Sr. Gastão Johann concedido à Alecssandro Scalcon no dia 11/11/2009. Acervo Casa da Memória de São Carlos.

<sup>43</sup> RENK, op cit. p 120.

<sup>44</sup> RENK, Arlene. **A Luta da Erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense**. Chapecó: Argos,2006.p. 117.

A Companhia Territorial introduziu em suas terras famílias das mais variadas cidades do Rio Grande do Sul. Estes grupos familiares que migraram para a área de colonização da Cia Sul Brasil eram dos municípios de Santa Cruz do Sul, Panambi, Anta Gorda, Lageado e São Leopoldo<sup>45</sup>. Desta forma, as notícias boas ou ruins referentes à migração eram espalhadas pelos próprios colonos aos amigos e parentes, o que fazia com que muitos se entusiasmassem e acabassem vindo para essa região. Para a divisão em lotes, a Cia Sul Brasil trouxe agrimensores da Alemanha para demarcar as colônias de terra. A localização dos lotes e a precisão das medidas são características que levaram a companhia a ser bem vista pelos colonos<sup>46</sup>.

Os migrantes vindos à Santa Catarina compravam, em sua maioria, as terras em prestações e a um preço inferior. Segundo Werlang, poucas pessoas conseguiam liquidar as terras no ato da compra, pois muitos haviam vendido seus bens a prazo no Rio Grande do Sul, e uma grande maioria dependia da produção nos novos lotes para efetuar o pagamento<sup>47</sup>. As dificuldades no Rio Grande do Sul já eram muitas, porém, nas terras da Sul Brasil estes colonos que estavam em busca de uma vida melhor também encontraram muitos empecilhos e na maioria das vezes os tão esperados sonhos acabam se tornando pesadelos.

Muitas foram as dificuldades que essas pessoas encontraram, desde a viagem até a primeira colheita. Hoss<sup>48</sup> conta que seus pais levaram uma semana para chegar até São Carlos, o transporte da mudança era feito por uma carrocinha de burro e os alimentos eram trazidos junto para conseguir se alimentar durante a viagem. Johann<sup>49</sup>, por sua vez, conta que seus pais saíram de Lageado no Rio Grande do Sul até Iraí de caminhão, e de lá colocaram a mudança numa lancha e atravessaram o Rio Uruguai até chegar em São Carlos.

---

<sup>45</sup>WERLANG, Alceu Antonio. **Disputas e ocupações do espaço no oeste catarinense: a atuação da Companhia Territorial Sul Brasil**. Chapecó: Argos, 2006. p.95

<sup>46</sup> Ibid., p.140

<sup>47</sup> Id. Colonização Ítalo-brasileira, Teuto-brasileira e Teuto-russa no oeste de Santa Catarina. A atuação da CIA Territorial Sul Brasil. In: **Cadernos do Ceom** – Chapecó: Grifos, 1999. p.20.

<sup>48</sup> Depoimento do Sr. Waldomiro Hoss e Amélia Hoss concedido à Jefferson Luis Ribas de Oliveira no dia 24/03/2017. Acervo Casa da Memória de São Carlos.

<sup>49</sup> Depoimento do Sr. Gastão Johann concedido à Alecssandro Scalcon no dia 11/11/2009. Acervo Casa da Memória de São Carlos

Figura 2 -Imagem de São Carlos em 1931



Fonte: Casa da Memória de São Carlos.

Conforme pode ser visto acima (figura 2), quando os migrantes chegavam a São Carlos se deparavam com matas fechadas e era ali que precisavam começar a se reestruturar. A companhia abrigava os colonos até eles conseguirem chegar ao lote e dar início a construção de um abrigo. Neste sentido, Werle esclarece:

A companhia tinha feito uma outra casa aqui nessa rua em frente a Padre Anchieta, e que servia como Casa do Imigrante, onde era um casarão grande onde as famílias, na verdade era um galpão, não era uma casa, era um galpão de madeira, onde as famílias ficavam. Então chegou a ter dez famílias morando ao mesmo tempo, até que as pessoas se estruturassem para ir para outros locais<sup>50</sup>.

As dificuldades encontradas no decorrer da viagem fizeram com que muitos não trouxessem junto de si animais, como, por exemplo, suínos, galinhas ou bovinos. Vendiam estes animais com a esperança de mais tarde, adquirir novamente para iniciar sua criação. Aos poucos foram introduzidos animais e os problemas foram se estabilizando. As primeiras colheitas eram sinônimo de esperança, pois a ideia era vender os produtos colhidos. Porém, na fala dos entrevistados nota-se que na maioria das vezes faltava comércio para os produtos colhidos:

[...] Por que dinheiro também não tinha muito né e depois o que colhiam não tinha venda, não sei, não tinha saída. Então muitas vezes até falava, colhiam

<sup>50</sup> Depoimento do Sr. Marcelo Werle concedido à Alecssandro Scalcon no dia 22/02/2011. Acervo Casa da Memória de São Carlos.

e deixavam no galpão e depois levavam pra roça de novo, porque não tinham como vender<sup>51</sup>.

Muitos destes migrantes tinham o desejo de voltar, mas como pode ser constatado no depoimento acima, não possuíam recurso e acabavam se conformando e permanecendo no local.

As estradas foram abertas mais tarde pela Cia Sul Brasil. Os colonos eram contratados pela colonizadora e a base de pá e picaretas abriam as estradas. Essa contratação por parte da empresa era uma manobra que objetivava o pagamento de impostos por parte dos colonos. Em meio as atividades, esses indivíduos aproveitavam para fazer suas refeições e seus acampamentos, conforme pode ser visto abaixo (Figura 03).

Figura 3 - Primeiros colonos fazendo a abertura de roças e estradas na década de 1930.



Fonte: Casa da Memória de São Carlos

As estradas eram denominadas de gerais e vicinais. As estradas gerais eram feitas com recursos da Cia Sul Brasil e tinham como função ligar as diferentes regiões até o escritório da companhia e interligar os núcleos urbanos. As estradas vicinais eram aquelas abertas próximas às estradas gerais<sup>52</sup>.

---

<sup>51</sup> Depoimento do Sr. Waldomiro Hoss e Amélia Hoss concedido à Jefferson Luis Ribas de Oliveira no dia 24/03/2017. Acervo Casa da Memória de São Carlos.

<sup>52</sup> KERBES. Zenaide Ines Schmitz. **Conhecendo São Carlos**. São Carlos: Editora Porto Novo, 2004. p. 25.

Inicialmente, por critérios definidos pela própria companhia colonizadora, os colonos alemães de profissão religiosa protestante foram alocados em Palmitos<sup>53</sup>, sendo que em São Carlos foram vendidas colônias de terra, prioritariamente, para os colonos de religião católica apostólica romana. Segundo Werlang, os colonos eram distribuídos de forma que os alemães católicos, alemães evangélicos e italianos católicos estivessem morando em regiões distintas<sup>54</sup>. A principal preocupação da companhia era evitar conflitos, para isso ela optou por distribuir esses imigrantes em pequenos núcleos de acordo com suas crenças religiosas, facilitando a organização comunitária, além do acesso ao ensino e atendimento religioso. A religiosidade era algo bastante forte entre os colonizadores, desta forma, a companhia oportunizava o atendimento religioso, pois entendiam que assim conseguiriam atrair mais famílias. Sobre isso Nodari pontua:

Esse tipo de divisão por etnia e/ou por credo religioso contribuiu para a manutenção e criação de práticas socioculturais específicas desses grupos, definindo, assim, num primeiro momento, uma cultura étnica que gerava solidariedades no seu interior e que os mantinha distantes tensões internas e externas.<sup>55</sup>

Além dos alemães, chegaram nos anos 1930, imigrantes teuto-russos. Essas famílias de teuto-russos saíram da Sibéria devido à implementação do sistema socialista. Em Aguiinhas, interior do município de São Carlos, foram assentadas aproximadamente 90 famílias católicas destes imigrantes teuto-russos<sup>56</sup>. Por outro lado, muitas famílias teuto-russas protestantes se estabeleceram no atual município de Riqueza.

As dificuldades encontradas por estes imigrantes eram muitas, pois o território era completamente diferente daquele do local de origem. Acostumados com os campos, estas famílias passaram a viver em terras acidentadas e cobertas de matas as quais não lhes agradavam. As companhias souberam conter as insatisfações dos migrantes e imigrantes, mostrando que as práticas socioculturais poderiam ser mantidas. Porém, essas práticas foram renegociadas com as práticas dos outros grupos. Com o passar do tempo, a paisagem do local foi se modificando: maquinários, abertura de estradas, meios de transporte foram sendo introduzidos e assim foi tomando forma o que hoje se chama de São Carlos.

---

<sup>53</sup> Palmitos é também um município do oeste catarinense, este por sua vez, faz divida com São Carlos.

<sup>54</sup> WERLANG, Alceu Antonio. **Disputas e ocupações do espaço no oeste catarinense**: a atuação da Companhia Territorial Sul Brasil. Chapecó: Argos, 2006.

<sup>55</sup> NODARI, Eunice Sueli. **Etnicidades renegociadas**: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina. Florianópolis. ED da UFSC, 2009. p. 47.

<sup>56</sup> WERLANG, op. Cit., p. 111.

Os são-carlenses, por meio de sua maneira de agir, falar e se expressar, deixam evidentes os traços de sua cultura, costumes e tradições herdados de seus antepassados. Em São Carlos, temos a arquitetura enxaimel, o Kerb Fest e o dialeto Hunsrück, os quais são elementos culturais que serão discutidos no próximo capítulo.

### **3 OS PATRIMONIOS DE ORIGEM ALEMÃ E O SER ALEMÃO NA CIDADE DE SÃO CARLOS**

Visando construir uma nova vida os (i) migrantes ao colonizar mantiveram a língua, hábitos alimentares e cotidianos. Criaram momentos de sociabilidade e colocaram em prática o saber fazer das edificações em enxaimel. Neste sentido, o segundo capítulo tem por objetivo apresentar os três elementos culturais – festa do Kerb, arquitetura enxaimel e o dialeto Hunsrück- importantes símbolos que se fazem presentes no cotidiano dos são-carlenses, bem como, analisar a forma como os munícipes são-carlenses de origem germânica se relacionam com o seu patrimônio cultural.

#### **3.1 FESTA DO KERB, ARQUITETURA ENXAIMEL E O DIALETO HUNSRÜCK COMO SÍMBOLOS DA COMUNIDADE SÃO- CARLENSE.**

Localizada no oeste catarinense, o município de São Carlos se destaca como uma cidade turística, devido a suas águas termais e pelo seu rico patrimônio. De um lado, percebe-se a riqueza cultural histórica, as manifestações existentes como as festas, danças, gastronomia e artesanato; do outro lado, encontram-se as belezas naturais: rios e cachoeiras.

Quando se fala em patrimônio, a noção que se tem sobre o assunto é bastante ampla. Por vezes é compreendida, de um modo geral, como um conjunto de bens imateriais e materiais pertencentes a um determinado indivíduo. Deste modo, o que caracteriza o patrimônio como um bem cultural ou não é o valor atribuído ao patrimônio pelo universo social que o cerca.

A constituição brasileira estabelece que a preservação de patrimônios culturais é um direito do ser humano, uma vez que, estes bens patrimoniais produzem a preservação da identidade cultural do sujeito. Neste sentido, o artigo 216 da Constituição Federal Brasileira vigente pontua o seguinte sobre o patrimônio cultural:

Art. 216 – Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I- As formas de expressão;
- II- Os modos de criar, fazer e viver;
- III- As criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV- As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artísticas-culturais;



V- Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.<sup>57</sup>

Com o decreto nº 3.551 de 4 de agosto de 2000 é instituído o registro dos Bens Culturais Imateriais, os quais passariam a ser destinados em um dos quatro livros de registro: o dos saberes, das celebrações, das formas de expressão ou de lugares<sup>58</sup>. Dentre os bens imateriais são encontradas muitas manifestações, entre elas, festas, músicas, língua, dança, culinárias, etc. O patrimônio imaterial é transmitido de geração em geração, gerando um sentimento e o fortalecimento de identidade entre as pessoas.

O patrimônio é um elemento importante no processo de identificação coletiva onde a mescla do passado e presente acontece por meio dos elementos sociais e culturais do grupo. Neste sentido, o patrimônio é compreendido como um fomentador de identidade social, o que faz com que ocorra uma legitimação de sua preservação.

Assim sendo, nota-se que o conceito de patrimônio é algo complexo. Compreender o que é o patrimônio vai além do senso comum. Conforme Lemos o patrimônio cultural

[...] pode ser subdividido em três categorias: os elementos pertencentes à natureza, que são os recursos naturais que tornam o sítio habitável; os elementos não tangíveis, que são a capacidade de sobrevivência do homem no seu meio ambiente (conhecimentos, técnicas, saber e saber fazer); e os bens culturais, que são coisas, objetos e construções, enfim, artefatos, obtidos a partir do meio ambiente e do saber fazer.<sup>59</sup>

O patrimônio pode ser visto como uma resposta para o sujeito compreender o espaço no qual ele está inserido e o valor que determinado patrimônio possui na realidade do indivíduo. No município de São Carlos o patrimônio está muito próximo dos munícipes, seja nas construções, nas festas ou na língua.

### 3.1.1 A Festa do Kerb em São Carlos.

Uma das festas que se constitui patrimônio do município é a festa do Kerb. Essa manifestação cultural se faz presente no estado catarinense, bem como em boa parte da região Sul do Brasil. Essa festa de origem alemã teria sido trazida para o Estado Catarinense por colonizadores provenientes das colônias velhas do Rio Grande do Sul.

<sup>57</sup> Sobre a legislação do patrimônio ver : <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10647933/artigo-216-da-constituicao-federal-de-1988#>. Acesso: 10/09/2017

<sup>58</sup> FUNARI, Pedro Paulo e PELEGRINI, Sandra. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: 2006. p. 54.

<sup>59</sup> LEMOS, Carlos. **O que é Patrimônio Histórico**. 5ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.p.135.

Zuleika Mussi Lenzi, em seus escritos, pontua que nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul, a festa do Kerb estaria ligada a fuga do isolamento, uma vez que a distância entre as moradias dos primeiros colonos era considerável. Desta forma, a festividade era uma maneira dos parentes e amigos se reencontrarem e trocarem diálogos sobre a vida social. Assim como Lenzi aponta para essa explicação, há autores que trabalham com a ideia de que o Kerb passou a ser festejado no momento em que as paróquias começaram a ser fundadas, prática semelhante a que acontece no Sul da Alemanha. Contudo, Wolf pontua:

pensar a Festa do Kerb como representação fiel a um passado trans-histórico, seja da Alemanha ou Rio Grande do Sul é tentar construir um imaginário social a respeito de sua própria identidade ligada indiscutivelmente a uma tradição germânica intacta. A necessidade de se criar uma ligação com um passado histórico, visa reflorescer e inculcar, como nos diz Hobsbawm, certos valores e normas de comportamento através da repetição.<sup>60</sup>

Desta forma, a festa do Kerb é uma festividade com dois aspectos distintos, ou seja, possui um caráter religioso e um caráter profano. O de natureza religioso consiste na realização de missa ou culto e o de cunho profano é uma comemoração familiar e celebrações feitas comunitariamente, em salões ou em sociedades recreativas<sup>61</sup>.

A festa do Kerb é constituída por várias festividades e por este motivo não pode ser entendido como uma só atividade festiva. As festividades podem ser concentradas todos num único dia ou em três dias seguidos. Neste festejo popular têm-se os cultos, confraternização comunitárias com almoço, almoços em família, bailes, leilão da garrafa do Kerb, pratos típicos e a ornamentação do salão.

Na cidade de São Carlos, a festa é realizada desde os primeiros anos da colonização do município. Assim:

A Festa do Kerb, tornou-se, a partir de 1931, um importante cenário da vida social de São Carlos, tanto quanto palco para se perceber as relações sociais que eram engendradas neste cotidiano. Embora tenha a sua aura religiosa associada à comemoração da instalação da paróquia e seu santo protetor, o Kerb ultrapassa este limite, porque a festa não pode ser lida e nem “reduzida a um conteúdo determinado e limitado, posto que na realidade, ela transgride automaticamente qualquer limite.<sup>62</sup>

---

<sup>60</sup>WOLFF, Juçara Nair. **Espaços de sobrevivência e sociabilidade**: uma análise do cotidiano de São Carlos/ SC (1930-1945). Santa Catarina: UFSC (Dissertação de Mestrado) 1995. p. 49.

<sup>61</sup> LENZI, Zuleika Mussi. **O Kerb em Santa Catarina**. Florianópolis. Ed. UFSC, 1989. p. 16.

<sup>62</sup> WOLFF, Juçara Nair. **Festa do Kerb**: Espaços de Sociabilidade, Conflitos e Resistências. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/2121/1210>. p.80 Acesso:17-09-2017

No município, assim como escreve Wolf, a festividade e a organização do Kerb desde os princípios estava “veiculada aos moldes da tradição teuto-brasileira, por isto a denominação de Festa do Kerb”<sup>63</sup>. É uma festa que é esperada pela maioria dos munícipes um ano inteiro e junto com essa espera encontram-se também os preparativos, uma vez que ela é vista como parte integrante da cultura destes indivíduos. Uma festa extensa no âmbito comunitário, cria-se todo um “espírito de Kerb”. Os preparativos são todos pensados nos mínimos detalhes e o resultado final é uma alegria que acaba contagiando, visando desta forma, manter viva a tradição germânica. Neste sentido, Wolf pontua que “por ser esperada durante o ano inteiro, os preparativos para o Kerb, em si, já configuravam uma festividade. Nestes preparativos, a coletividade se reúne para organizar as várias etapas do ritual.”<sup>64</sup>

Nos primeiros anos, em São Carlos, a festa do Kerb durava três dias, pois abrangia toda a colônia. Porém, a partir de 1950, cada comunidade passa a ter o seu Santo Padroeiro e, por conseguinte a sua própria festa do Kerb<sup>65</sup>. Atualmente são quatorze comunidades, um bairro e a comunidade da matriz que celebram o Kerb. Dentre essas comunidades, a programação da festividade é diferenciada. Em algumas comunidades ocorre missa, baile do Kerb e leilão da boneca do Kerb no sábado à noite. Em outras, procissão com o Santo Padroeiro, missa e almoço aos domingos nos centros comunitários. Contudo, há aquelas que fazem uma carreata nas ruas da cidade na sexta à tarde, missa e baile na sexta de noite, acompanhado de janta típica e leilão da garrafa do Kerb, no sábado a festa continua com baile e nos domingos comemorações em famílias.

Para compreender e entender como acontece a realização desta festa, perceber as invenções culturais existentes na mesma e a forma que os são-carlenses associam o festejo a sua identidade foi feita uma pesquisa de campo, ou seja, foi utilizado o método etnográfico da “descrição densa”.

Esse método é utilizado por Clifford Geertz, um antropólogo norte-americano, que acredita que o conceito de cultura é semiótico e que o homem é um animal amarrado a teias que ele mesmo teceu<sup>66</sup>. Para analisar essas teias deveria ser utilizada

---

<sup>63</sup> WOLLF, Juçara Nair. **Espaços de sobrevivência e sociabilidade**: uma análise do cotidiano de São Carlos/ SC (1930-1945). Santa Catarina: UFSC (Dissertação de Mestrado) 1995. p. 49.

<sup>64</sup> Id. **Festa do Kerb**: Espaços de Sociabilidade, Conflitos e Resistências. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/2121/1210>. p.80 Acesso: 17-09-2017

<sup>65</sup> KERBES. Zenaide Ines Schmitz. **Conhecendo São Carlos**. São Carlos: Editora Porto Novo, 2004. p, 221.

<sup>66</sup> GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Itc, 2008. p. 4

uma ciência interpretativa que teria como objetivo buscar os significados. Desta maneira, o método adequado para a análise interpretativa da antropologia é a descrição densa, pois através dela as particularidades podem ser analisadas e melhor compreendidas. Para Peter Burke “A descrição densa serve, portanto para registrar por escrito uma série de acontecimentos ou fatos significativos que de outra forma seriam imperceptíveis, mas que podem ser interpretados por sua inserção no contexto, ou seja, no fluxo do discurso social”<sup>67</sup>.

O método etnográfico fez com que os objetivos do trabalho fossem alcançados por meio de um estudo claro e possibilitou ainda, uma interação com o objeto de estudo. Todas as observações feitas foram transcritas. As vestimentas, formas de olhar e dançar, postura e outros dados serviram para compreender o que a festa representa aos munícipes de São Carlos. As expressões e movimentos dos participantes da festividade foram registrados por meio de fotografias, como forma de entender e ajudar na análise do que foi coletado.

Assim como foi destacado acima, cada comunidade do município possui sua festa ou baile do Kerb. Para a realização da pesquisa, a coleta de dados foi feita pessoalmente durante à festa do Kerb que aconteceu na comunidade de São João. São João é uma comunidade rural, uma das mais estruturadas economicamente do município. A referida comunidade foi fundada a partir do ano de 1930, onde ali se instalaram colonos oriundos do Rio Grande do Sul, cuja religião era a católica.

O Kerb é comemorado nesta comunidade no mês de junho. A data de realização da festa geralmente é o terceiro ou quarto final de semana deste mês, ou seja, a data mais próxima do dia vinte e quatro de junho - dia de São João Batista- padroeiro da comunidade. Desta forma, quem promove a festividade é a comunidade católica e a comemoração acontece durante três dias consecutivos, iniciando-se na sexta, com desfile pelas ruas da cidade pela tarde e missa e baile à noite, e termina no domingo com os almoços nas residências familiares. Neste ano de 2017 foi realizada a 44ª edição da festividade.

Os preparativos para a realização da festa iniciaram nos primeiros meses do ano, onde escolheram as soberanas da festa: Rainha, primeira princesa e segunda princesa. As moças da comunidade podem se inscrever para concorrer e a sociedade de damas da

---

<sup>67</sup> LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.) **Escritas da História**: Novas Perspectivas. São Paulo: Ed. da Unesp, 1992, p. 141 e 142.

comunidade faz o desfile e os jurados escolhem as três meninas que irão representar a comunidade. A comunidade de um modo geral se envolve na organização, porém, é o conselho da comunidade e as soberanas que fazem a divulgação, estendendo o convite para toda a região. A divulgação da festa ocorre dois meses antes da festa, mas a preparação se intensifica uma semana antes do evento. As soberanas e um dos membros do conselho costumam dar entrevistas nas rádios, afim se divulgar a programação do evento e, além disso, no final da entrevista sempre fazem o tradicional convite na língua alemã. Os jornais escritos e a imprensa falada são visitados a fim de divulgar o evento e chamar público para a festividade, conforme pode ser visto na imagem abaixo:

Figura 4- Divulgação do Kerb em jornais e rádios



Fontes: <https://www.facebook.com/tropicalfm977/posts/1388577144564930> e Jornal Polo Foz – Acervo Casa da Memória de São Carlos

Além da divulgação, no âmbito comunitário as responsabilidades ficam a cargo da diretoria do Conselho Comunitário, eleitos por voto direto dos sócios da igreja. Os membros do conselho ficam responsáveis em organizar os bailes do Kerb: encomendar bebidas, contratação de conjuntos musicais e segurança, além da organização de comidas para o jantar. Entretanto, para a decoração do salão recebem ajuda do Grupo de

Danças Edelweiss<sup>68</sup>. O baile é realizado no salão comunitário, que é todo decorado com folhas de coqueiro, flores, frutas, objetos e decoração com tecidos nas cores preta, vermelha e amarela. Conforme imagens:

Figura 5 - Decoração feita no Kerb



Fonte: Acervo particular de Emilia Royer

Na sexta a tarde já estava tudo organizado e deu-se início aos festejos. No primeiro momento, a partir das 14 horas ocorreu o desfile pelas ruas dos municípios de São Carlos e Águas de Chapecó com as soberanas da festa, grupo de Danças Edelweiss, Banda Cosmo Express e moradores/sócios da comunidade de São João. O desfile foi acompanhado de muita animação, danças, músicas em ritmo de bandinha e foguetório (Figura 06). Ao chegarem de volta à comunidade todos retornaram para a suas casas e alguns permaneceram ali conversando e organizando o que ainda estava por fazer.

---

<sup>68</sup> O grupo de Danças Edelweiss foi fundado em 1988 e é o grupo de danças folclóricas alemãs da comunidade. Atualmente possui 51 participantes entre as três categorias: infantil, juvenil e adulto.

Figura 6 - Desfile pelas ruas do município



Fonte: Acervo particular de Emilia Royer

Ao anoitecer os moradores mais de idade, jovens e crianças se reuniram em frente da igreja, enquanto aguardavam o início da missa, que começou às 19 horas. Durante a liturgia e no sermão do padre fazia-se referência sobre a vida de São João Batista e pedidos para um bom ano e ótima colheita. Os pedidos de uma boa colheita podem segundo Wolff,

Simbolizar para este imaginário um acerto de contas com o santo, tanto quanto simbolizar a renovação dos votos no sentido de que, durante mais um ano, a coletividade tenha a graça de uma boa colheita, da fartura e da alegria. É possível entender portanto, esta relação dentro de um sistema de reciprocidade específico entre coletividade e o simbólico/santo, que era expresso nos rituais da missa e da novena.<sup>69</sup>

Depois da missa os fiéis saíram da igreja e a banda começou a tocar acompanhando a procissão com a imagem do Santo Padroeiro até o salão comunitário e lá ele foi colocado num lugar de destaque juntamente com produtos colhidos na lavoura.

---

<sup>69</sup> WOLFF, Juçara Nair. **Festa do Kerb**: Espaços de Sociabilidade, Conflitos e Resistências. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/2121/1210>. p.82 Acesso:17-09-2017

Figura 7 - Procissão com o santo padroeiro São João Batista



Fonte: Acervo particular de Emilia Royer

Enquanto aguardavam o início do jantar as pessoas conversavam e se confraternizavam. Às 20 horas teve início o jantar, ele foi servido durante toda a noite e para facilitar o andamento do baile, apresentações e a comodidade do público é organizado na parte térrea do salão. No cardápio foi servido churrasco em espeto corrido, acompanhado de pão, cuca, maionese, saladas diversas, arroz, mandioca com farofa, batata caramelizada, bolachas de vários sabores, chimias, kessschmier, roscas, mel, melado, nata, manteiga, pão de milho, além de um Buffet de sobremesas e bolos. Dentro dessa diversidade de comida, o que importava era valorizar os pratos germânicos.



Figura 8 - Jantar servido durante a festividade



Fonte: Acervo particular de Emilia Royer

Enquanto algumas pessoas jantavam na parte térrea, outros ficavam no andar superior para prestigiar as apresentações do Grupo de Dança Edelweiss. O grupo se apresentou com as três categorias: a infantil, juvenil e adulto. Antes de iniciar as apresentações os integrantes da categoria adulto mostraram em um pequeno desfile o novo traje de roupa. Em seguida, foram feitas as apresentações e no final aconteceu a dança da polonesa onde o público participou.

Figura 9 - apresentação do grupo de danças



Fonte: Acervo particular de Emilia Royer

As 22 horas iniciou o esperado baile, cujo público em sua maioria eram casais. As músicas eram dos mais diferentes ritmos, porém prevalecia a de ritmo de marchinha, tocada por instrumentos de sopro e percussão. As pessoas enchiam a pista para dançar e algumas usavam trajes típicos da cultura alemã.

Haviam na festa, grupos de outros municípios, como por exemplo, Cunha Porã. Por existir a festa em outras localidades, tem-se por costume fazer uma espécie de troca de visitas, onde um participa da festa do outro. As pessoas que prestigiaram a festividade eram do zona rural quanto da zona urbana do município. De certa maneira, a festa do Kerb com todas as suas atrações- danças, desfile, músicas- constitui um elemento-elo que retrata uma sobrevivência social dos descendentes de alemães perante as perdas sofridas no passado, conferindo uma determinação afirmação do grupo na localidade.

À meia – noite a música foi interrompida e o leiloeiro subiu ao palco para iniciar o leilão da *Kerbflasche*<sup>70</sup>. No palco, juntamente com o leiloeiro estavam às soberanas da

<sup>70</sup> Traduzindo para o português denomina-se Garrafa do Kerb. Para se referir a *Kerbflasche* é usado o termo Garrafa do Kerb ou Boneca do Kerb.

feita segurando a garrafa que seria leiloada. A garrafa (ver imagem 12) foi enfeitada por uma moradora da comunidade e percebia-se o entusiasmo das pessoas ao iniciar o leilão.

Figura 10 – Soberanas e dois membros do conselho comunitário segurando a Kerbflasche.



Fonte: Acervo particular de Emilia Royer

Inicialmente a comunidade deu um lance de 30 garrafas de cerveja e a partir disso subiram os lances. Foram vários lances, alguns partiram de grupos que se reuniram e deram a oferta e outros partiram de pessoas sozinhas. Assim sendo, “a disputa pela conquista da *Kerbflasche* se pela aparência, pode revelar uma forma lúdica deste coletivo por outra, revela em seu emaranhado um espaço para dar publicidade a uma imagem privada onde o saber, a estima, a honra, a dignidade e o respeito são afirmados momentaneamente”<sup>71</sup>.

Quando a *Kerbflasche* recebeu o lance de 160 garrafas de cerveja encerrou-se o leilão. A soberana que estava com a garrafa na mão dirigiu-se ate o centro do salão, entregou a *Kerbflasche* para a pessoa que deu o maior lance. A música reiniciou, e a rainha juntamente com o senhor que arrematou a garrafa dançaram uma valsa no centro do salão e os demais fizeram um circulo e dançaram ao redor.

<sup>71</sup> WOLFF, Juçara Nair. **Festa do Kerb:** Espaços de Sociabilidade, Conflitos e Resistências. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/2121/1210>. p.88 Acesso:17-09-2017

Figura 11 - Momento da entrega da garrafa do Kerb e a dança da valsa.



Fonte: Acervo particular de Emilia Royer

Durante o leilão da *Kerbflasche* podemos perceber aquilo que diz Wolf,

Através desta disputa volta-se os focos para a representação de poder simbolizada pela conquista da boneca. Ao invés de ser uma simples aparência seu ato e seu significado podem ser articulados de forma mais ostentativa. Equivale dizer que a conquista da *Kerbflasche* além de significar o privilégio de pagar uma primeira rodada de cerveja aos participantes do baile e de ter o privilégio de dançar com a dama escolhida, representa um espaço onde se desempenham papéis sociais.<sup>72</sup>

Depois do término do leilão, o baile teve continuidade até a madrugada. No sábado, os preparativos seguiram para o segundo baile, que se realizou à noite. No sábado, segundo dia da festa, o baile iniciou às 23 horas, também animado pela mesma banda do dia anterior. Neste dia não ocorreu leilão da garrafa e não serviram jantar, apenas lanches como a tradicional *Sprits Würst*<sup>73</sup>. O público neste dia foi diferente do baile de sexta, ou seja, em sua maioria foram os jovens que marcaram presença no Kerb.

<sup>72</sup> WOLFF, Juçara Nair. **Festa do Kerb: Espaços de Sociabilidade, Conflitos e Resistências**. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/2121/1210>. p.88 Acesso:17-09-2017

<sup>73</sup> Termo em alemão que significa lingüiça cozida.

O terceiro dia de festa foi no domingo. É de costume no terceiro dia se reunir em família e amigos para almoçar todos juntos. No âmbito familiar, o Kerb também requer preparação. São abatidos animais (suínos e/ou bovinos) para fazer o churrasco e preparam-se cucas, bolachas confeitadas, sobremesas e tortas.

Para o almoço a família anfitriã organizou uma mesa farta com vários tipos de saladas, cucas e churrasco. Para o café da tarde novamente arrumaram a mesa onde foram colocadas bolachas, bolos, cucas, sobremesas, café e refrigerantes (ver figura 12). No domingo, ao final do dia as visitas voltaram para as suas casas.

Figura 12 - Família de Lucinda Zart almoçando no terceiro dia de festa e mesa com café da tarde.



Fonte: Cleonice Beatriz Zart Dall'Agnol.

Após fazer este trabalho de campo e descrever o baile do Kerb, pode-se dizer que a festa é um espaço de reafirmação da cultura e da identidade do grupo teuto-brasileiro. Desde a sua comemoração, os festejos passam por várias transformações, porém muitos elementos da cultura teuta permanecem e ainda são repetidos nos Kerbs atualmente. Desta maneira, a festa do Kerb é um espaço de comemoração, sociabilidade e um festejo que busca manter a cultura e a identidade alemã, além disso, pode ser compreendido como um espaço onde há representações e consolidação de laços sociais.

### 3.1.2 O patrimônio enxaimel em São Carlos –SC.

Um importante objeto de identificação entre os sujeitos de determinadas localidades é o patrimônio cultural, em especial o material, o qual é representado pelos monumentos e pela arquitetura. Santa Catarina é um Estado de imigrantes e isso faz com que as paisagens rurais e urbanas sejam diferentes das demais regiões do Brasil. As casas de enxaimel, conhecidas por boa parte da população como “casas alemãs” ou “casas germânicas” são resultantes de um estilo arquitetônico recorrentemente

associado ao Estado de Santa Catarina. Muitas pessoas não conhecem as edificações por seu nome, enxaimel, porém em sua grande maioria elas são associadas à cultura alemã, uma vez que muitas localidades da Alemanha ainda possuem uma quantidade significativa dessas casas.

Os imigrantes que de lá vieram a partir da segunda metade do século XIX e início do XX, trouxeram consigo a língua, costumes e essa técnica arquitetônica. A arquitetura enxaimel é um elemento que marca os municípios que foram colonizados por alemães. Quando os olhos são voltados para as casas de enxaimel ocorre uma distinção entre municípios cuja colonização foi alemã, italiana ou de outras etnias, ou seja, os imigrantes alemães trouxeram, em sua bagagem cultural, as arquiteturas das regiões da onde vieram.

A palavra enxaimel em alemão é *Fachwerkbau*, o que significa “construção em prateleiras”<sup>74</sup>. Weimer traz em sua obra definições encontradas em alguns dicionários de português. Nestes dicionários a palavra enxaimel é relacionada a uma peça de madeira que faz parte de uma estrutura, já na língua alemã a expressão *fachwerk* é relacionada a uma estrutura composta de muitas peças encaixadas<sup>75</sup>. Assim sendo, como na obra de Weimer, este trabalho fará uso da palavra enxaimel, sempre se voltando ao significado do termo em alemão, uma vez que é por deste, que essa arquitetura é conhecida em nossa região.

O enxaimel consiste em uma técnica de construções de casas que teve a sua origem na Europa, apesar dessa arquitetura ser associada à Alemanha, ela se difundiu por diversos países do centro e do norte da Europa.

Desde a mais longínqua antiguidade existiram construções em madeira na Europa central. [...] No começo dos tempos históricos, as plantas se tornaram retangulares e a técnica construtiva teve um progresso decisivo quando se conseguiu resolver um problema fundamental: a madeira cravada no solo apodrecia facilmente. Ao se elevar o tramado de madeiras verticais e horizontais sobre fundações de pedra, eliminou-se esse problema, mas a estrutura perdeu em rigidez. Isso foi solucionado quando se descobriu que as peças inclinadas e encaixadas nos tramos conferiam à original a sua rigidez. A descoberta da triangulação significa para esta técnica construtiva o mesmo que a roda para os transportes. Ela é o princípio básico de estática sobre o qual repousa toda a evolução posterior. ”<sup>76</sup>

De acordo com Weimer, quando ocorreu a invasão dos romanos onde hoje é a Alemanha, já existiam técnicas construtivas com madeira bastante avançadas. Porém,

---

<sup>74</sup> WEIMER, Günter. **Arquitetura popular da Imigração alemã**. 2 ed, Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2005. p.66

<sup>75</sup> Ibid., p.64.

<sup>76</sup> Ibid., p.64

quando os romanos tentaram implementar técnicas de construção com pedras e cimento as construções continuavam sendo feita em sua totalidade com madeira e isso fez com que essa nova técnica apresentada caísse no esquecimento.

Na Alemanha nos séculos XV e XVIII, havia duas técnicas construtivas: o blocausse e o enxaimel. A técnica do blocausse baseava-se na “construção das paredes com troncos roliços, de diâmetros semelhantes e moderadamente falquejados em duas faces opostas e encaixado nas extremidades, no encontro das paredes”<sup>77</sup>. Para esse tipo de construção procurava-se utilizar troncos retos e lisos, em sua grande maioria era utilizada a madeira de árvores coníferas. O blocausse foi uma das primeiras técnicas a ser utilizada, mas devido ao alto consumo de madeira ela foi rapidamente abandonada e o enxaimel passou a ser a técnica construtiva mais utilizada da região<sup>78</sup>.

Figura 13 - Casa construída na técnica do blocausse



Fonte: <http://www.casas enxaimel.com.br/page8.aspx>

Na técnica construtiva enxaimel, uma das principais características é a sua estrutura, ou seja, o esqueleto da casa. Primeiramente se constrói, sobre a fundação de pedras, uma estrutura tramada com peças de madeira horizontais, verticais e inclinadas que são encaixadas umas nas outras, vale ressaltar que essa estrutura não possui pregos, apenas encaixes com pinos de madeira. Após a montagem desta estrutura em madeira, os espaços vazios, os tramos, são preenchidos com taipa, adobe, pedra e/ou tijolos<sup>79</sup>. Em

<sup>77</sup> WEIMER, Günter. **Arquitetura popular da Imigração alemã**. 2 ed, Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2005. p.66.

<sup>78</sup> Ibid., p. 65.

<sup>79</sup> WEIMER, Günter. **Arquitetura popular da Imigração alemã**. 2 ed, Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2005. p.65.

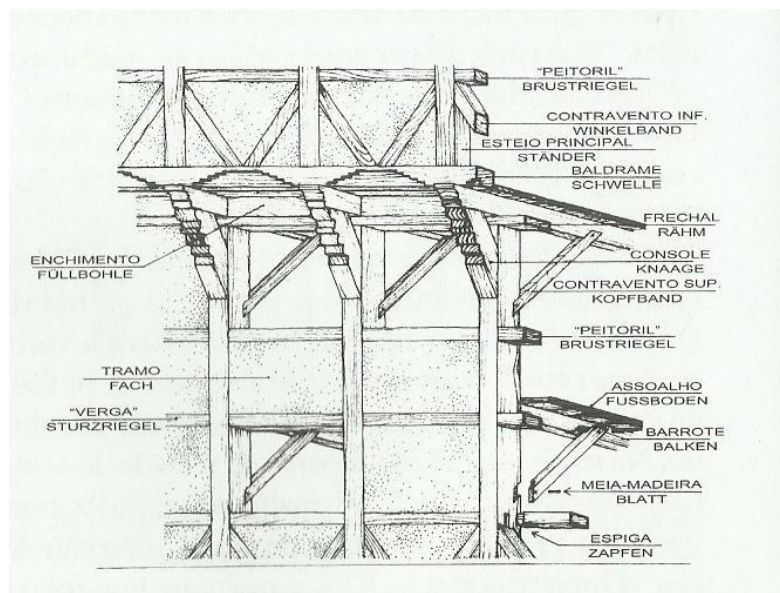
sua maioria, na fachada da casa ficavam visíveis a estrutura de madeira, fazendo com que essas edificações tenham um efeito visual único.

A estrutura de madeira, que era montado sobre a fundação de pedra, era composta por quatro partes: baldrames, pedaços horizontais que dão a base para os andares da casa; os peitoris, também peças horizontais colocados entre os baldrames; os esteios, que eram encaixados nos baldrames e nos peitoris, mas eram peças verticais; e as escoras, essas eram inclinadas e eram encaixadas entre as peças horizontais e verticais<sup>80</sup>.

Na Alemanha, haviam, três sistemas construtivos do enxaimel: o baixo-saxão, o alemânico e o Franco. Cabe a este trabalho, apenas uma breve descrição de cada sistema, uma vez que não é o foco do trabalho fazer uma descrição técnica sobre o enxaimel, mas sim, compreender o que foi essa técnica construtiva.

O sistema de baixo-saxão é provavelmente o mais antigo das três técnicas, este sistema se caracteriza por ter os baldrames contínuos com os esteios, também contínuos, encaixados nos baldrames. Nesta técnica construtiva, havia muitos esteios, os quais eram colocados próximos uns dos outros, as janelas e as portas eram colocadas entre os vãos dos esteios<sup>81</sup>.

Figura 14 - Sistema construtivo baixo-saxão



Fonte: Weimer, 2005, p. 68

<sup>80</sup> Ibid., p.68-69.

<sup>81</sup> Ibid., p.68-69.



Essa técnica foi a mais utilizada para construir as casas enxaimel no território brasileiro, uma vez que grande parte dos imigrantes vieram da região norte da Alemanha e por ser a mais simples das três. Já o sistema construtivo alemânico é considerado o oposto do baixo-saxão. Essa técnica se caracterizava “pelo grande afastamento dos esteios principais, o que exigia um vigamento horizontal muito robusto para poder resistir aos esforços de flexão”<sup>82</sup>. Neste sentido, devido ao afastamento dos esteios principais eram utilizadas mais escoras para garantir rigidez à estrutura.

Outro sistema construtivo era o franco, o qual Weimer considera ser o mais pitoresco, pois “se passou a dar grande valor plástico ao contraventamento e ao fechamento dos tramos”<sup>83</sup>. Esse sistema é uma espécie de combinação entre as duas técnicas anteriores. Inicialmente, as escoras deste sistema eram retas, entretanto com o passar do tempo, as formas foram variando e combinando as diferentes escoras se formavam diversos tipos de desenhos. Nesta técnica, os construtores exploravam o lado artesanal, pois eram empregados várias formas nos tramos de uma única construção<sup>84</sup>.

Nota-se que num primeiro momento, as peças de madeira eram utilizadas para dar sustentação para a edificação, mas com o passar do tempo ela passou a ter um valor estético e foram sendo feitas fachadas cada vez mais trabalhadas. Entretanto, no século XVII, a técnica do enxaimel começou a não ser mais usada, um dos motivos seria a escassez da madeira<sup>85</sup>. Contudo, o enxaimel prosperou na Alemanha com diferentes formas e estilos que variavam de acordo com a região.

Quando os imigrantes alemães chegaram ao Brasil, a técnica construtiva enxaimel já estava sendo pouco utilizada nos países da Europa. Entretanto, os imigrantes ao construírem as suas casas acabavam utilizando essa técnica, uma vez que a mesma era carregada de uma questão cultural e tradicional. Contudo, as casas que encontramos no território brasileiro que possuem esse sistema construtivo não são iguais aquelas da Alemanha, visto que, os indivíduos que aqui chegaram entraram num contexto social, geográfico e ambiental bastante diferente da onde viviam, assim sendo, tiveram que adaptar essa técnica aos materiais disponíveis e às questões climáticas aqui encontradas. Em sua grande maioria essas casas eram construídas pelos camponeses que vinham habitar as terras. Na atualidade essas edificações possuem um valor histórico e

---

<sup>82</sup> WEIMER, Günter. **Arquitetura popular da Imigração alemã**. 2 ed, Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2005. p.69.

<sup>83</sup> *Ibid.*,p.70.

<sup>84</sup> *Ibid.*,p.70

<sup>85</sup> *Ibid.*,p. 66-67.

cultural bastante grande, pois são um registro material de um grupo que viveu em um determinado contexto e época.

O município de São Carlos teve seu processo de colonização iniciado no ano de 1927. As primeiras famílias que atravessaram as águas do rio Uruguai com o objetivo de trilhar uma nova trajetória, eram oriundas das colônias velhas do Rio Grande do Sul. Quando se instalaram no novo território foi preciso desbravar a nova terra, abrir as primeiras estradas, derrubar o mato, construir sua própria casa, fazer a plantação, plantar para prover o sustento, etc. Todas essas atividades faziam parte da vida particular à cada uma das primeiras famílias que povoaram as terras pertencentes à São Carlos.

Muitos dos migrantes vinham até a localidade, adquiriam seu lote, construía a sua casa e depois voltavam para o Rio Grande do Sul para buscar os demais membros da família. Outros por sua vez, ficavam instalados na casa do Imigrante<sup>86</sup> até o momento em que conseguissem ter uma estrutura mínima para conseguir viver com a sua família. As casas em que habitaram os primeiros migrantes eram feitas de madeira e tinham um caráter provisório. Aos poucos a paisagem do pequeno vilarejo começava a se transformar, as casas que começavam a ser construídas eram feitas no sistema construtivo enxaimel. Para utilizar essa técnica era necessário possuir conhecimento e a matéria prima. Deste modo, madeira era encontrada com abundância e o domínio sobre a técnica algumas pessoas possuíam, pois vinham de colônias alemãs e passaram a reproduzir aqui o que tinham no seu local de origem<sup>87</sup>. Nota-se que os conceitos memória e identidade, apesar de não estarem definidos, já estavam bastante presentes na vida destas pessoas.

Para fazer a construção de uma casa neste sistema era preciso primeiramente cortar a madeira. A madeira utilizada era falquejada, pois não existiam madeireiras na localidade. A derrubada das árvores até a construção das casas era feita pelos próprios colonos. Assim,

ninguém vinha de fora, não tinha gente de fora daqui, não tinha como alguém vir para cá, tudo era feito pelas pessoas que estavam aqui, e a maioria dessas casas, a madeira maior, que vinha do baldrame, da base da construção, todas eram feitas, elas eram sequer serradas eram. Elas eram cortadas com machado toda a madeira, e as peças maiores eram o tronco de árvore, que se amarrava, se plainava um lado com o machado, e o outro lado ficava redondo, porque dava muito trabalho fazer isso, e era desnecessário fazer

---

<sup>86</sup> A Casa do Imigrante foi construída pela Companhia Colonizadora a fim de abrigar os colonizadores até que os mesmos conseguissem se estruturar.

<sup>87</sup> Depoimento do Sr. Marcelo Werle concedido à Alecssandro Scalcon no dia 22/02/2011. Acervo Casa da Memória de São Carlos.

isso, porque só precisava de um lado plano.[...] elas não são retas, elas não são lisas, elas são tudo feito manualmente. Porque não tinham ferramentas para isso também.<sup>88</sup>

Depois de preparar a madeira, faziam uma base, uma espécie de alicerce com pedras, o que iria sustentar toda a estrutura. Esse alicerce era necessário, uma vez que a região é bastante úmida o que iria favorecer o apodrecimento das partes em madeira. Segundo Werle, utilizavam uma pedra vermelha para fazer esse alicerce, pois ela era mais fácil de ser lascada. Para retirar as pedras, introduziam uma cunha na veia da pedra até que ela partisse e a partir disso iam desdobrando-as<sup>89</sup>. Depois de cortar, falquejar a madeira e fazer o alicerce com a pedra era preciso montar e organizar o madeirame. As peças em madeira eram organizadas e encaixadas umas nas outras no chão e somente depois eram colocadas em cima do alicerce de pedra. Werle explica este processo:

Primeiro se fazia um estudo no papel e no chão. Toda a casa era montada no chão, desmontada de novo, e botada de pé. Todo o cisto era feito duas vezes. [...]Toda uma parede lateral era montada, desmontada no chão e colocada de pé. As peças eram numeradas uma a uma, todas em números romanos com talhadeiras na mão. Se tu for procurar tu vai ver, “um, dois, três, quatro, cinco”, toda uma sequencia.<sup>90</sup>

Depois de montar a estrutura essas marcações feitas com números auxiliavam na hora de colocar as peças. Nas casas enxaiméis em São Carlos é possível ainda hoje ver essas marcações na madeira.

---

<sup>88</sup> Depoimento do Sr. Marcelo Werle concedido à Alecssandro Scalcon no dia 22/02/2011. Acervo Casa da Memória de São Carlos.

<sup>89</sup> Depoimento do Sr. Marcelo Werle concedido à Alecssandro Scalcon no dia 22/02/2011. Acervo Casa da Memória de São Carlos.

<sup>90</sup>Depoimento do Sr. Marcelo Werle concedido à Alecssandro Scalcon no dia 22/02/2011. Acervo Casa da Memória de São Carlos.

Figura 15 - Marcação na madeira em casa de enxaimel em São Carlos – SC



Fonte: Acervo particular de Emilia Royer.

Depois de fazer a montagem sobre os alicerces em pedra, construía-se a estrutura do telhado, que também era feita em madeira. Após de toda a estrutura de madeira estar pronta iniciavam a cobertura de telhado e, para finalizar faziam o preenchimento (Ver figura 16). Nos primeiras edificações construídas utilizavam-se as tabuinhas e somente depois de algum tempo passou-se a usar telhas ou folhas de zinco.

Figura 16 - Estrutura de madeira de uma casa enxaimel em São Carlos -SC



Fonte: Casa da Memória de São Carlos –SC

O preenchimento era feito com tijolos e barro, a maior parte das casas foram rebocadas. Nos exemplares enxaiméis encontrados em São Carlos, percebe-se que a arquitetura e a questão estética não foi a mesma empregada em todas as casas. Mesmo as casas que são próximas umas das outras, se analisado, nota-se que há diferenças técnicas e também estéticas. Porém, elas se tornam uma unidade na medida em que foram construídas num sistema construtivo diferente do brasileiro e são um testemunho material de grupos que viveram em uma determinada época.

As edificações em enxaimel existentes em São Carlos são diferentes daquelas que são vistas na Alemanha, mas possuem uma beleza e estética única, são exemplares que representam a arquitetura popular no sul do Brasil. Neste sentido, Weimer esclarece que “o imigrante trouxe em sua bagagem cultural a técnica do enxaimel, e, por isso, ela é essencialmente germânica. Por contingências ambientais e existenciais, o enxaimel teve de ser recriado e por isso ele é totalmente brasileiro, em sua expressão”<sup>91</sup>. A construção dessas edificações com a técnica enxaimel foram feitas aos poucos e demoravam certo período para serem finalizadas. Hoje, essas edificações são

---

<sup>91</sup> WEIMER, Günter. **Arquitetura popular da Imigração alemã**. 2 ed, Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2005. p.113.

responsáveis por guardar um período da história do município, logo, os exemplares arquitetônicos enxaiméis constituem-se patrimônio histórico.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi feito um trabalho de campo para mapear as construções existentes no município de São Carlos onde foi empregado o sistema construtivo enxaimel. Depois foi realizado um levantamento fotográfico dessas edificações. Na terceira etapa, foi feita uma pesquisa na Casa da Memória para buscar informações sobre as mesmas.

Ao todo, foram identificadas nove casos de edificação enxaimel, sendo seis residenciais (figura 17, 18, 19, 20, 21 e 22), um edifício comercial (figura 23) , um edifício público (figura 24) e uma das construções encontra-se abandonada ( figura 25). Das nove edificações, três estão localizadas no centro da cidade (Figura 17, figura 23 e figura 24), três em bairros (figura 18, figura 21 e figura 25), três na zona rural (figura 19, figura 20 e figura 22).

Em seguida, são apresentadas as construções enxaimel, junto de alguns dados (uso, tipo de propriedade, ano de construção e localização) com uma imagem da residência.

**Casa Lehnen**



**Figura 17 - Casa residencial em enxaimel.**

Fonte: Acervo particular de Emilia Royer

**Uso:** Residencial

**Propriedade:** Privada.

**Ano de construção:** 1941.

**Construtor:** Theobaldo Lehen.

**Localização:** Avenida Santa Catarina, São Carlos –SC

### Casa Bonissoni



Figura 18 - Casa residencial em enxaimel.

Fonte: Acervo particular de Emilia Royer

**Uso:** Residencial

**Propriedade:** Privada.

**Ano de construção:** 1932.

**Construtor:** Christian Sebastiani e Pedro Sebastiani.

**Localização:** Bairro Madeireiro, São Carlos- SC.

### Casa Ely



Figura 19 - Casa residencial em enxaimel.  
Fonte: Acervo particular de Emilia Royer

**Uso:** Residencial

**Propriedade:** Privada.

**Ano de construção:** 1944.

**Construtor:** Theobaldo Lehnen e Jacó Wickert

**Localização:** Linha Moraes, S/N, São Carlos –SC.

### Casa Bianchi



Figura 20 - Casa residencial em enxaimel.  
Fonte: Acervo particular de Emilia Royer



**Uso:** Residencial

**Propriedade:** Privada.

**Ano de construção:** Década de 1950.

**Construtor:** Não identificado.

**Localização:** Linha São Pedro, S/N, São Carlos –SC.

### Casa Rigotti



Figura 21 - Casa residencial em enxaimel.

Fonte: Acervo particular de Jefferson Ribas

**Uso:** Residencial

**Propriedade:** Privada.

**Ano de construção:** Não identificado

**Construtor:** Não identificado

**Localização:** Bairro Olaria, São Carlos –SC.

### Casa Herrmann



Figura 22 - Casa residencial em enxaimel.  
Fonte: Acervo particular de Emilia Royer

**Uso:** Residencial

**Propriedade:** Privada.

**Ano de construção:** Não identificado

**Construtor:** Não identificado

**Localização:** Balneário de Pratas, S/N, São Carlos –SC.

### Casa Werle



Figura 23 - Casa comercial em enxaimel.  
Fonte: Acervo particular de Emilia Royer

**Uso:** Comercial

**Propriedade:** Privada.

**Ano de construção:** 1931-1933.

**Construtor:** Theobaldo Lehenen.

**Localização:** Avenida Santa Catarina, Centro, São Carlos –SC.

### Casa da Memória



Figura 24 - Edifício público em enxaimel.

Fonte: Acervo particular de Emilia Royer

**Uso:** Público

**Propriedade:** Poder publico municipal

**Ano de construção:** 1938.

**Construtor:** Theobaldo Lehenen.

**Localização:** Rua do Comércio, nº 195, Centro, São Carlos –SC.

### Casa Knorst



Figura 25 - Casa residencial em enxaimel.  
Fonte: Acervo particular de Emilia Royer

**Uso:** Residencial

**Propriedade:** Privada.

**Ano de construção:** Nos anos de 1943 e 1944.

**Construtor:** Theobaldo Lehnen.

**Localização:** Bairro Madeireiro, S/N, São Carlos –SC.

Percebe-se que há uma diferença bastante grande entre as casa de enxaimel no município de São Carlos, seja elas técnicas ou estéticas. Entre as edificações levantadas, percebe-se que a maioria das casas foram construídas nas décadas de 1930 e 1940. Karl Ilg escreve que as casas enxaimel em sua maioria foram “construídas em torno e antes da virada da mudança do século. Todavia, ainda surgiram casas de enxaimel mais tarde, até a Segunda Guerra Mundial, em número apreciável. Após 1950 dificilmente terá sido construída mais uma única”<sup>92</sup>. Talvez essa afirmação possa ser verdadeira para outras localidades, mas para o município de São Carlos ela não se aplica, uma vez que em plena década de 40 ainda estavam sendo levantadas essas construções. Isso leva a acreditar que as casas de enxaimel construídas em São Carlos podem ter sido as últimas a serem construídas no mundo.

<sup>92</sup> WEIMER, Günter. **Arquitetura popular da Imigração alemã**. 2 ed, Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2005. p.125;

Assim como ocorre em outras localidades onde existem estes tipos de construções, em São Carlos, muitas dessas casas foram desmanchadas. Entretanto, uma dessas casas encontra-se abandonada em meio à mata fechada e será descrita abaixo. Não é objetivo deste trabalho descrever todas, sendo que uma será utilizada como exemplo em pormenor. Justifica-se a descrição desta casa devido o exemplar ser único no sentido de possuir muitas características originais de sua construção. A proprietária dessa casa atualmente é a senhora Elzira Knorst. Quando foi feito o contato para ver se poderíamos visitar o local a mesma relatou que possui um apego muito grande por essa casa e que não possui condições de fazer uma restauração, mas esperava que o município pudesse intervir fazendo a salvaguarda da casa.

### 3.1.2.1 Casa Knorst

A casa de enxaimel situa-se no Bairro Madeireiro, localidade próxima do centro da cidade de São Carlos. Essa casa pertencia à família de Pedro Ternus que foi o primeiro proprietário. Atualmente, ainda está viva a filha dele, a senhora Terezinha Ternus. Segundo entrevista de Terezinha, o seu pai veio do Rio Grande do Sul para São Carlos no ano de 1930 em busca de uma terra melhor. Porém, antes de trazer a esposa e os filhos ele organizou uma estrutura para que a família tivesse uma casa provisória no momento da chegada a São Carlos. Sobre a vinda da família e a construção da primeira moradia a senhora Terezinha relata:

E aí veio meu vô e o tio, e depois, o pai veio também, pra ver como que era neh, e acabou comprando uma terra[...]. E assim começemo né... era difícil, porque era quase só mato. Viemos de caminhão. [...] Mas era muito difícil porque só chovia e a estrada era muito ruim, nós ficemo, eu acho que uma semana pra vim pra cá. [...] O pai tinha já derrubado o mato, que veio antes disso, né... e nós ficamo lá. E daí eles construíram primeiro um paiol pra quando nós ia chegar, pra poder morar no paiol. [...] Já plantaram um pouco de mandioca, pra quando eles chegavam né, daí ao menos isso já tinha e...e... outras coisas a gente trazia de lá. [...] Construíram o paiol! Era de madeira. De táboa. [...] Eram feitas aqui. Derrubavam as torras e serravam as tábuas. Ficamos morando naquele paiol com a estrebaria e do lado tinha um chiquerão. [...] As vacas eram tudo pertinho ali.<sup>93</sup>

Deste modo, nota-se que as famílias que migravam para São Carlos construíam um espaço para abrigar a família, os animais e os bens. E somente quando tinham recursos era construída a casa definitiva. Essa primeira moradia serviu de casa até o

---

<sup>93</sup> Depoimento da Sra. Terezinha Ternus concedido à Alecssandro Scalcon no dia 06/03/2011. Acervo Casa da Memória de São Carlos

momento em que conseguiram derrubar mais árvores, serrar as tábuas e fazer as tabuinhas para fazer a construção de outra casa. A segunda moradia era também feita de madeira, porém já era uma casa maior e mais confortável, sobre a segunda moradia a entrevistada pontua:

Toda de madeira. [...] Era maior e mais confortável. Era uma casa grande com um a área comprida e com veneziana. [...] eles faziam praticamente mesmo as coisas. Entre parentes e vizinhos eles iam fazendo assim. [...] esses antigos tudo eles sabiam construir um pouco.<sup>94</sup>

Depois de terem construído essa segunda residência, por volta dos anos de 1943 e 1944, construíram uma terceira casa no sistema construtivo enxaimel. Em treze anos a família de Pedro Ternus construiu três moradias. A entrevistada justificou a construção em enxaimel pelo fato de quererem viver num espaço maior e mais bonito. Entretanto, o fator determinante pode ter sido o fato de a família ser bastante amiga de Theobaldo Lehnen, o qual dominava a técnica do enxaimel.

Figura 26- Casa de enxaimel construída nos anos de 1943 e 1944 pela família Ternus em São Carlos – SC



Fonte: Acervo particular de Emilia Royer

---

<sup>94</sup> Idem.

As pedras para o alicerce e a madeira para a estrutura de madeirame foram todas retiradas da propriedade do senhor Ternus e as estruturas foram erguidas por pessoas que dominavam as técnicas de cada etapa. Os tijolos teriam sido adquiridos numa olaria que existia no município na época. Sobre o reboco da casa a entrevistada coloca que utilizavam “Só cal e areia. [...] (a areia) vinha do Rio Uruguai. O pessoal mesmo ia buscar [...] Buscavam de carroça, não tinha outra maneira”<sup>95</sup>.

Figura 27 - Partes da casa onde há o reboco e preenchimento dos tijolos com barro.



Fonte: Acervo particular de Emilia Royer

A casa possui uma área total de 45 m<sup>2</sup>, um tamanho que chama atenção, uma vez que as demais casas do município são bem maiores. Quando questionada sobre o tamanho da mesma a entrevistada fala:

Usaram as duas. Primeiro usamos as duas. Na casa nova, que tá lá hoje, lá era dois quartos e uma sala. Que na casa de madeira não tinha sala [...] era só quartos e cozinha.[...] Quando vinha visita não tinha lugar, então resolveram construir mais uma casa. [...] Bem próximas, só tinha um corredor assim, mais o menos uma na outra. [...] Eram ligadas.<sup>96</sup>

Mais tarde, quando foi desmanchada a residência de madeira a casa de enxaimel abrigou também a cozinha. Outra particularidade desta casa são os desenhos que são

<sup>95</sup> Depoimento da Sra. Terezinha Ternus concedido à Alecssandro Scalcon no dia 06/03/2011. Acervo Casa da Memória de São Carlos

<sup>96</sup> Depoimento da Sra. Terezinha Ternus concedido à Alecssandro Scalcon no dia 06/03/2011. Acervo Casa da Memória de São Carlos

encontrados nas paredes da casa de enxaimel. Nenhuma das outras oito edificações de enxaimel possuem esses desenhos. Não se sabe se o motivo desses desenhos é a decoração ou se há por detrás dessas imagens alguma simbologia ou tradição. Sobre as pinturas que lá se encontram a entrevistada esclarece que “essas pinturas foram feitas de anil, por isso é azul tudo [...] Ele fazia aquelas pinturas [...] Ele tiro o molde nas casas do Lehnen”<sup>97</sup>.

Figura 28 - Pinturas encontradas na parte interna da casa.



Fonte: Acervo particular de Emilia Royer

Os últimos a residir nesta casa foram os pais, irmã e avô de Terezinha. A senhora Terezinha relata que a casa nunca sofreu grandes alterações, apenas o que foi substituído foi o telhado de tabuinhas por telhado de telhas, no restante, ela preserva as características originais.

No dia cinco de outubro do corrente ano, juntamente com o professor orientador fizemos uma visita junto à casa que foi descrita acima, onde observamos que a edificação está bastante deteriorada. Na parte externa, o alicerce de pedras encontra-se em perfeitas condições. Na estrutura de madeira, não se nota a presença de agentes biológicos de deterioração, porém os pinos de encaixes da estrutura apresentam início de podridão. A parte do preenchimento, cuja qual foi rebocada, se encontra na maior

---

<sup>97</sup> Depoimento da Sra. Terezinha Ternus concedido à Alecssandro Scalcon no dia 06/03/2011. Acervo Casa da Memória de São Carlos



parte, em bom estado, porém há pontos onde se visualiza a ausência do reboco, devido a umidade que causa a sua queda. O telhado da casa é de duas águas, estrutura de madeira e a inclinação é acentuada. Na parte superior as telhas, ripamento e abas se encontram em avançado estado de deterioração. Nota-se que há algumas telhas quebradas, pelo fato de galhos de árvores ter caído e atingido a casa. O entorno dessa casa é basicamente composto por árvores (ver figura 26), ruína de um forno de lenha feito de tijolos e barro e ainda se encontram pedaços de porcelana e restos de utensílios de cozinha.

A parte interna do enxaimel se encontra em situações precárias. Conforme citado acima, existe muita infiltração de água, o que causa umidade e conseqüentemente a queda do reboco, manchas de mofo e comprometimento do forro e assoalho de madeira. As janelas e a porta da casa são feitas em madeira e se notou que faltam algumas partes e há a presença de podridão em pequenas partes. Ainda, podemos observar os desenhos/decorações (figura 28) feitas nas paredes, as quais se encontram em bom estado de preservação. Diante do exposto, compreende-se que a edificação da década de quarenta está em condições bastante precárias e que a forma de construção, no entanto, não é igual à da Alemanha, pois as condições existenciais levaram a adaptar a técnica, mas a sua construção é idêntica em sua essência construtiva.

A pesquisa feita nos leva a compreender o grande valor histórico das edificações enxaimel existentes no município, em virtude de suas características formais, simbólicas e ao contexto que estão inseridas. É necessário que sejam tomadas medidas para preservar esse patrimônio, pois expressa parte da história do município, assim, essas edificações apresentam um grande potencial para tombamento como patrimônio histórico do município.

### **3.1.3 A língua: O dialeto Hunsrück**

O Brasil é uma mescla de culturas, e os diferentes grupos étnicos são responsáveis pela diversidade cultural e linguística que encontramos. Uma maneira de perceber tal diversidade é por meio da fala e das línguas utilizadas pelas pessoas. São Carlos é um município onde são faladas diferentes línguas e seus respectivos dialetos, os quais são procedentes dos dessemelhantes grupos que habitaram a localidade ao longo do tempo. Ainda muito presente nesse contexto, encontra-se o dialeto *Hunsrückisch*. Juntamente com a imigração para o Brasil, chegaram também as variedades da língua alemã, assim o *Hunsrückisch* é considerado uma língua de imigração. Assim, segue a definição da língua *Hunsrückisch*, segundo Altenhofen:

Trata-se de uma variedade dialetal de descendentes de imigrantes alemães, denominada pelos próprios membros da comunidade de fala de *Hunsrückisch*, também *Hunsbucklisch*, em alusão ao grupo majoritário de imigrantes oriundos da região do Hunsrück, localizada entre os rios Mosela e Reno, na Renânia Central.<sup>98</sup>

O nome *Hunsrückisch* (chamado de hunsriqueano no português) surgiu, conforme pode ser visto acima, devido á grande quantidade de imigrantes vindos da região do Hunsrück no sudoeste da Alemanha.

Figura 29 - Mapa localizando a região do Hunsrück na Alemanha



Fonte: <http://historiasvalecai.blogspot.com.br/2010/08/963-hunsruck.html>

Das mais variadas línguas alemãs que encontramos no Brasil, aquela que mais se fala até os dias atuais é o *Hunsrückisch*<sup>99</sup>. A variedade alemã sofreu influências da língua portuguesa, assim como o português foi influenciado por outras línguas, como por exemplo, as indígenas e as africanas. Logo, isso é um processo linguístico natural que ocorre numa sociedade multilíngue.

Conforme já visto no primeiro capítulo, quando os imigrantes chegaram, eles não encontraram uma estrutura pronta, mas se depararam com a mata a qual foi necessária ser desbravada. Dessa maneira, os imigrantes acabaram formando pequenas

<sup>98</sup> ALTENHOFEN, Cléo V. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul*. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen. Stuttgart: Steiner, 1996. p. 27.

<sup>99</sup> Essas nomeação não exclui os outros nomes ( Deitsch , Platt ou Hunsrück). Neste trabalho utilizaremos o termo Hunsrück.

comunidades onde mantiveram a fala de sua língua materna. Neste sentido, Spinassé pontua:

Sob a perspectiva linguística, os falantes de alemão formaram assim chamadas “ilhas linguísticas”. No imenso país, onde uma língua oficial é difundida e diária, havia “clareiras” – as colônias – onde uma outra língua (uma língua estrangeira) era falada. Dentro dessas ilhas, os moradores não vinham, porém, de uma mesma região do solo germânico. Como os estados de língua alemã ainda não representavam uma unidade na metade do século XIX, as diferenças dialetais eram ainda mais perceptíveis. Esses diferentes dialetos foram trazidos para o Brasil, onde entraram em contato direto uns com os outros dentro de uma mesma comunidade. Em comunidades homogêneas o dialeto corrente era também a variante da maioria e foi mantido; nas colônias heterogêneas houve um processo inevitável, natural e muito forte de mistura de elementos dessas variedades orais, sendo que a variante da maioria normalmente se sobrepunha às demais.<sup>100</sup>

Os imigrantes haviam saído da Europa, mas a Europa não havia saído deles, uma vez que preservavam costumes, a língua e hábitos do cotidiano alemão aqui no Brasil. A língua alemã (mais especificamente o dialeto Hunsrück) era a língua materna destes indivíduos, isso foi um elemento fundamental para que houvesse a manutenção da identidade étnica. A língua era aprendida em casa, falada na igreja, na escola, na comunidade e lida em jornais e revistas. Assim, a preservação dos hábitos e a criação destas instituições por parte destes imigrantes levaram o governo brasileiro a acreditar num “perigo alemão”. Assim sendo,

Entre 1937 e 1945 uma parcela significativa da população brasileira sofreu interferências na vida cotidiana produzidas por uma “campanha de nacionalização” que visava ao caldeamento de todos os alienígenas em nome da unidade nacional. A categoria “alienígena” — preponderante no jargão oficial — englobava imigrantes e descendentes de imigrantes classificados como “não-assimilados”, portadores de culturas incompatíveis com os princípios da brasilidade. A campanha foi concebida como “guerra” para erradicação de idéias alienígenas, com o objetivo de impor o “espírito nacional” aos patricios que formavam “quistos étnicos” erroneamente tolerados pelo liberalismo da República Velha.<sup>101</sup>

Aos olhos do governo da época era necessário que ocorresse um processo de assimilação desses imigrantes, pois assim a nação teria um bom funcionamento. Neste sentido, as políticas de nacionalização tinham por objetivo a inclusão destes imigrantes na comunidade nacional. Entre as medidas adotadas pelo governo para a nacionalização, a legislação estabelecia o ensino na língua nacional. Deste modo, a partir de 1938, por

<sup>100</sup> SPINASSÉ, Karen Pupp. O hunsrückisch no Brasil: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Alemanha. *Espaço Plural*, n.19, p. 117-126, set.2008. p. 119 Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/1934/1529#> Acesso em: 05 nov. 2017.

<sup>101</sup> Seyferth, Giralda. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. *Mana*, v. 3, n. 1, p. 95-131, Rio de Janeiro. 1997. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93131997000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100004) Acesso em: 05 nov. 2017.

meio de um Decreto Federal, se instituiu o fechamento de escolas que não ensinassem o português e sociedades étnicas, e foi efetivada a proibição da circulação de jornais e periódicos publicados em língua estrangeira e que circulavam nas comunidades étnicas<sup>102</sup>.

Em São Carlos não fora diferente, pois muitas escolas foram fechadas e proibido o uso de outra língua que não fosse o português. Num primeiro momento, foi proibido falar em alemão em locais públicos e com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em 1942, as punições eram ainda mais severas.

A comunidade são-carlense resistiu a esse projeto de nacionalização. Criaram táticas para manter a identidade étnica. Uma forma de resistência ocorria na parte interna dos lares, quando continuavam a falar o alemão e não a língua portuguesa como primeira língua. Os anos Vargas marcaram profundamente as comunidades étnicas, pois era proibido falar a língua materna, mas a maior parte da população de São Carlos não dominava e sequer sabia falar a língua portuguesa, momentos de medo e tensão foram vividos pela população. Neste sentido, Waldomiro Hoss, coloca que fazer uso de qualquer manifestação da língua resultaria em alguma punição:

[...] e aquele tempo, quarenta e três era aqueles anos que não podia falar em alemão. Nós ia de São Carlos e não falava . Não falava. Não sabia falar em brasileiro, por isso sempre digo, algum ganhou laço, aquela vez tinha a vara ainda e a gente não podia. Eu tinha um tio que foi pra cadeia, especularam de noite, botaram na cadeia por causa que rezou em alemão em casa. [...] Nois ia quase mudo para casa.<sup>103</sup>

Nota-se na fala do entrevistado, que as punições e as prisões devido ao uso da língua alemã afetavam a vida social e familiar de todos os indivíduos, Assim “criou-se um clima de tensão e medo na região colonial dos imigrantes e a proibição da língua materna, que era fator de identificação étnico-cultural e religiosa, atingiu a nova geração que passou a um constrangedor silêncio sobre sua própria identidade”<sup>104</sup>. As marcas da nacionalização continuam presentes na memória dos cidadãos de São Carlos, apesar da distância temporal de mais de 70 anos. O medo de ser denunciado por não saber se

<sup>102</sup> NODARI, Eunice Sueli. **Etnicidades renegociadas**: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina. Florianópolis. ED da UFSC, 2009. p. 170-173.

<sup>103</sup> Depoimento do Sr. Waldomiro Hoss e Amélia Hoss concedido à Jefferson Luis Ribas de Oliveira no dia 24/03/2017. Acervo Casa da Memória de São Carlos.

<sup>104</sup> KREUTZ, Lúcio. Escolas étnicas no Brasil e a formação do Estado Nacional: A Nacionalização compulsória das escolas dos imigrantes. **Poiesis**: Tubarão, v. 3, n. 5, p. 71 – 84, Jan./Jun. 2010. p. 81. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/download/527/527> Acesso em: 05 nov. 2017.

expressar na língua portuguesa fez com que os pais orientassem as crianças a não se expressar em alemão em certos espaços. A senhora Amélia Hoss, relata que,

[...] Eu sei que naquela época que não era para falar alemão [...] Quando vieram para casa (pai e mãe) ele disse não falam em alemão para não apanhar junto com o pessoal, para não apanhar. [...] Ia mudo pra casa porque tinha medo de falar (risos) que alguém iria denunciar então melhor não fala (risos).<sup>105</sup>

Como não sabiam se comunicar em outro idioma, estes indivíduos sofreram com a sentença de proibição da língua pela qual poderiam interagir entre si. No entanto, o sentimento que as pessoas possuíam pela língua alemã não mudou e sequer extinguiu a identidade do povo que havia sido formada através da língua<sup>106</sup>. Assim sendo, percebe-se que a tática de usar a língua alemã somente em casa fez com que o grupo continuasse se expressando em língua estrangeira e preservasse a identidade étnica. A língua portuguesa, a qual foi imposta na época, passou por várias dificuldades para ser introduzida no município de São Carlos, uma vez que até hoje há pessoas com dificuldade em falar e fazer uso desta língua.

Contudo, apesar de todos os reveses ocorridos durante o período de nacionalização, a língua alemã continuou a ser falada e ensinada de geração em geração. Atualmente grande parte da população são-carlense fala ou compreende o dialeto hunsrück. Neste sentido, o dialeto tem importância para a população do município, caso contrário, há tempo ele não seria mais falado, significando dessa forma a importância sócio cultural que faz com que ele continue no cotidiano dos munícipes:

A língua é um sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste a nós. Não podemos, em qualquer sentido simples, ser seus autores. Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais.<sup>107</sup>

Portanto, os apontamentos acima colocados dão características o suficiente para caracteriza- lá como patrimônio cultural imaterial do município. O patrimônio imaterial é passado de geração em geração, de certa forma, e as comunidades recriam o

<sup>105</sup> Depoimento do Sr. Waldomiro Hoss e Amélia Hoss concedido à Jefferson Luis Ribas de Oliveira no dia 24/03/2017. Acervo Casa da Memória de São Carlos.

<sup>106</sup> NODARI, Eunice Sueli. **Etnicidades renegociadas**: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina. Florianópolis. ED da UFSC, 2009. P. 176

<sup>107</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. DP&A ed.: Rio de Janeiro, 2005. p. 40.

patrimônio imaterial devido ao ambiente e também pela história, o que acaba por gerar um sentimento de identidade e continuidade<sup>108</sup>.

O dialeto hunsrück é muito falado entre os munícipes de São Carlos, seja nas ruas, em casa, com amigos, familiares ou vizinhos. Boa parte da população que utiliza esse dialeto para se comunicar aprendeu o mesmo com seus pais e continuaram a ensinar para os seus filhos, assim, passou-se de geração para geração. Isso fica claro no depoimento de Hoss quando fala que ensinou o dialeto aos seus filhos “Nossos filhos eles falam tudo e tem netos também [...]. Os nossos todos falam alemão, mas tem netos que nem entendem o alemão, tem o de Palmitos esse pode chamar de “burro” que não entende”<sup>109</sup>.

Assim, a língua alemã foi um elemento cultural importante que os imigrantes e os migrantes preservaram em São Carlos, visto que isso manteve a identidade étnica. Fredrik Barth pontua que os grupos étnicos se perpetuam biologicamente, compartilham de valores culturais fundamentais, conseguem identificar e são identificados por outros<sup>110</sup>. Diante disso, podemos considerar que ocorre uma identificação por parte dos cidadãos são-carlenses, reconhecendo-se como um grupo étnico germânico. Verifica-se desta forma, que os indivíduos passam a ser reconhecidos como pertencentes a um determinado grupo por meio de comportamentos que são familiares e caracterizam seu pertencimento cultural, conseqüentemente, ocorre à identificação entre os mesmos.

No município de São Carlos, a manifestação linguística da grande maioria dos munícipes se distingue a ponto de causar estranhamento, mas a língua é um elemento de identificação bastante presente no cotidiano dos são-carlenses. É comum escutar pessoas relatando que não sabem falar a língua portuguesa, especialmente aquelas que possuem uma idade um pouco mais avançada. Um exemplo disso são cartas, onde um filho escreve para a sua mãe. A escrita é feita em alemão, uma vez que a pessoa a qual a carta se destina não compreende o português. Assim, a comunicação entre filho e mãe se mantém, uma vez que a receptora da carta consegue ler em alemão e desta forma, receber a mensagem do filho.

---

<sup>108</sup> <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234> Acesso em: 07 nov. 2017

<sup>109</sup> Depoimento do Sr. Waldomiro Hoss e Amélia Hoss concedido à Jefferson Luis Ribas de Oliveira no dia 24/03/2017. Acervo Casa da Memória de São Carlos.

<sup>110</sup> POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Unesp, 1998. p. 189-195.

San Miguel, 04 de abril de 2004

Liebe Mama!

Es gibt noch bei euch?  
 Hier bei uns geht alles gut. Das ist  
 sehr heiß und trocken, das hat schon  
 lang nicht mehr geregnet. Und bei euch  
 ist es auch noch trocken?  
 Ich habe mich ganz gut in Argentinien  
 hin gewöhnt. Das spanisch sprechen  
 ist nicht so leicht, aber mir fallen  
 uns ganz gut. Ich tue schon spanisch  
 lesen.

Hier gibt mir wenig nachrichten von  
 Brasilien. Ich höre ab mal radio von  
 Porto Alegre.

Hier im seminarium ist niemand so deutsch  
 sprechen kann. In eine parochia ist eine  
 priester so etwas spricht.

Mama, und dein geburtstag, gibts eine  
 gute churrasco? Das ist nicht möglich  
 ich kommen; aber ich wünschen dich  
 Gottes segen und eines Eröliches ge-  
 burtstag fest.

viel glück und gesundheit an euch  
 allen, und grüßen von son, bruder...

Se Jandir Antonio Haas Mpf

San Miguel, 04 de abril de 2004.

Querida mãe!

Como vão vocês?

Aqui conosco vai tudo bem. Isso está quente e seco, faz tempo que não chove mais. E aí também ainda está seco?

Eu me acostumei bem na Argentina. Falar espanhol não é tão fácil, mas nos entendemos bem. Eu já leio missas em espanhol.

Aqui recebemos poucas notícias do Brasil. Às vezes escuto rádio de Porto Alegre.

Aqui no seminário não tem ninguém que sabe falar o alemão. Em uma paróquia há um irmão que fala alguma coisa.

Mãe, e teu aniversário? Vai dar um bom churrasco? Não é possível eu ir, mas eu desejo a você a benção de Deus e uma feliz festa de aniversário.

Muita sorte e saúde para todos vocês, e abraços do filho, irmão...

Padre Jandir Antonio Haas Msf

Fonte: Casa da memória de São Carlos

Conforme pode ser visto acima, a data da correspondência não é tão remota, ou seja, o dialeto Hunsrück se faz muito vivo entre os indivíduos. Selmira Feyl, moradora de São Carlos, que possui 89 anos, saiu das colônias velhas do Rio Grande do Sul e fixou residência em São Carlos. Compreende a língua portuguesa, mas opta por falar a língua alemã por se sentir mais a vontade, percebe-se neste fato uma identificação. Além disso, percebe-se, notoriamente, que há um orgulho por parte das pessoas pelo fato de terem descendência germânica. Isso pode ser visto no trecho de uma entrevista concedida por Selmira: “Sou alemoa. Sou só alemoa, porque meus pais eram alemães, meus avós todos alemães. Meus pais e avós todos eram alemães e por isso também sou. Porque falo o alemão”<sup>111</sup>. Neste sentido, percebe-se que a entrevistada possui um sentimento de carregar uma herança daquela nação. Observa-se que ela se sente alemã, porque a sua descendência e língua a identificam como tal e a partir disso reafirmar a sua identidade.

Sobre o conceito de identidade, Barth esclarece que ela é uma espécie de solidariedade e fidelidade a características comuns que são expostas por meio da cultura e, em contato com outro grupo, acontece à identificação do sujeito quanto ao

<sup>111</sup> Depoimento da Sra. Selmira Feyl e Neoli Alice Nascimento concedido à Emilia Royer no dia 05/07/2017. Acervo Casa da Memória de São Carlos.

pertencimento étnico<sup>112</sup>. Desta forma, os moradores de São Carlos se identificam entre si por meio do dialeto.

No cotidiano das famílias o Hünsruck é utilizado para a comunicação. Tanto é que o dialeto, na maioria das famílias, é o primeiro idioma ensinado para as crianças. Depois, quando ingressam nas escolas aprendem a falar a língua portuguesa. Porém, vale ressaltar que as pessoas mais jovens costumam falar tanto o português como o alemão. Porém, percebe-se que em alguns momentos as pessoas que falam o português, possuem certa dependência da língua alemã, por exemplo, por vezes não conseguem se expressar em português e recorrem ao dialeto alemão para constituir determinados sentidos sobre as coisas. Neste sentido, a são-carlense Ladi Urnau, idosa de 90 anos, a qual é falante da língua alemã e entendedora da língua portuguesa, demonstra que o dialeto está bastante presente em seu cotidiano, demonstrando uma identificação, como pode ser visto “Isso também precisa ficar. As duas línguas podem ficar [...]. Essa língua nunca pode... essa foi a primeira língua que tinha, o alemão. [...] Ela é para ficar, não somente... ela precisa ficar”<sup>113</sup>. Assim como a senhora Ladi Urnau demonstra a marca identitária, boa parte da população da cidade também o faz, demonstrando que apesar do contato com a língua portuguesa, possuem um sentimento de pertencimento ao povo alemão.

Apesar do município de São Carlos ser composto, em sua maioria, por indivíduos de descendência alemã, atualmente, pessoas de várias outras etnias habitam o município. Neste sentido, podemos trazer para o trabalho a noção de “fronteira étnica”, elaborada por Fredrik Barth, onde mostra que, para que a noção de grupo étnico tenha um sentido, “é preciso que os atores possam se dar conta das fronteiras étnicas que marcam o sistema social ao qual acham que pertencem e para além dos quais eles identificam outros atores implicados em um outro sistema social”.<sup>114</sup> Barth ainda pontua que a mobilização das identidades étnicas só se efetiva com referencia a uma alteridade, e a etnicidade implica na organização de agrupamentos dicotômicos nós / eles. “Ela não pode ser concebida senão na fronteira do “nós”, em contato ou confrontação, ou por contraste com “eles”.<sup>115</sup>

---

<sup>112</sup> POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Unesp, 1998. p. 204-211.

<sup>113</sup> Depoimento da Sra. Ladi Urnau e Salete Maria Braatz concedido à Emilia Royer no dia 31/03/2017. Acervo Casa da Memória de São Carlos.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne., op cit., p. 152.

<sup>115</sup> Ibid., p.152 e 153.



Portanto, esse contato entre os descendentes de alemães e de outras etnias, como por exemplo, italiana, cabocla e indígena faz com que sejam reforçadas essas fronteiras étnicas. Barth, pontua que “se um grupo étnico conserva sua identidade quando os membros interagem com outros, isso implica critérios para determinar a pertença e meio para tornar manifestas a pertença e a exclusão”.<sup>116</sup> Assim, é notório que diferentes manifestações culturais identificam as pessoas pertencentes a um grupo ou não. A língua é uma forma de exclusão ou inclusão de um determinado indivíduo a um grupo étnico. Neste sentido, pode-se refletir sobre a forma que o dialeto falado no município de São Carlos interfere neste processo.

A primeira forma dos alemães se identificarem entre si é pela cor de pele e depois vem a língua. Porém, os moradores de São Carlos costumam não explicitar essas diferenças, devido ao medo de serem taxados como preconceituosos, mas nota-se numa frase da entrevistada que há uma distinção entre alemães e outras etnias “[...] Nós temos só vizinhos alemães morando ao nosso redor... Todas pessoas boas.”<sup>117</sup> Este trecho leva a entender que para a entrevistada só os alemães, grupo a qual ela se considera participante, são pessoas boas. Deste modo, isso vem ao encontro do que apresenta Barth qual ele apresenta que a fronteira étnica é canalizadora da vida social, a qual acarreta numa complexa organização das relações sociais e comportamentais. Assim, conclui-se que na sociedade do município onde foi feita a pesquisa o “outro” é visto como alguém que possui diferenças de critérios de julgamento, valor e costumes. Logo, as fronteiras étnicas são mantidas por meio das diferenças culturais.

---

<sup>116</sup> POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Unesp, 1998. p.195.

<sup>117</sup> Depoimento da Sra. Selmira Feyl e Neoli Alice Nascimento concedido à Emilia Royer no dia 05/07/2017. Acervo Casa da Memória de São Carlos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção deste trabalho foi compreender como os munícipes de São Carlos se relacionam com o seu patrimônio e a forma como é constituída a identidade a partir dos mesmos. Para isso, foi realizada uma pesquisa de campo, onde foram mapeadas as casas enxaimel. Durante a pesquisa de campo procurou-se observar atentamente as características das casas e pesquisar informações sobre as mesmas. Além da pesquisa de campo, foi realizada uma pesquisa etnográfica, onde se teve um contato mais próximo com o objeto de pesquisa. Utilizando o método da descrição densa, atentou-se para a forma como ocorreu a festa do kerb e a maneira que os indivíduos se relacionavam entre si na festividade. Para o estudo sobre o patrimônio imaterial do dialeto *Hunsrückisch*, foram utilizadas as fontes orais a fim de perceber a identificação com esse patrimônio imaterial. Posteriormente, houve uma conexão do estudo realizado com conceitos de autores, que através dos seus estudos, fundamentam a maneira de formação da identidade, algo que pode ser visto nos são-carlenses de origem germânica.

Procurou-se apresentar a trajetória histórica que formou a cultura dos imigrantes e migrantes alemães, para expor que as ações que ocorreram com o passar dos anos dão sentido aos acontecimentos nos dias atuais. Com o objetivo de colonizar a região do oeste catarinense, as companhias colonizadoras trouxeram para São Carlos muitos colonos. Alguns destes eram oriundos das colônias velhas do Rio Grande do Sul e outros vindos da Alemanha, assim, muitos traços culturais foram mantidos por estes (i)migrantes fora do seu local de origem. Estes indivíduos mantiveram relações com elementos culturais que remetessem ao local de origem, assim, demonstravam que pertenciam a uma determinada cultura e conseqüentemente pertenciam a um grupo social que se aproximava por meio de suas semelhanças culturais.

No decorrer do trabalho, tentou-se demonstrar que os traços culturais são os norteadores dos comportamentos dos são-carlenses de descendência germânica, sob a visão que os valores destes indivíduos são formados a partir da cultura onde estão inseridos ou até mesmo, em ações que permaneceram ao longo do tempo e hoje promovem uma relação de continuidade com o passado, configurando a tradição destes sujeitos.

Desta forma, se pode afirmar, com base na pesquisa feita, que os descendentes dos (i)migrantes alemães no município de São Carlos se identificam como alemães e procuram se diferenciar de indivíduos de outras etnias por meio de elementos culturais.

Assim, buscou-se evidenciar nesta pesquisa a cultura, uma vez que é por meio dela que a identidade do indivíduo é constituída. Segundo Geertz, a cultura consiste em estruturas de significados socialmente estabelecidas, através das quais as pessoas se organizam. Para o autor, a cultura é um fenômeno psicológico, uma característica da mente, da personalidade, da estrutura cognitiva de alguém. Assim, podemos ver que o indivíduo se constitui de acordo com a cultura onde ele está inserido, porém cabe destacar que essa cultura é algo que se reinventa e cheia de novos significados. Deste modo, conclui-se que os (i)migrantes constituíram suas identidades pautando-se na cultura alemã.

Neste sentido, os patrimônios de origem alemã- Arquitetura enxaimel, festa do Kerb e o dialeto Hünscruck- são elementos pelos quais os munícipes criam sentimentos de pertença a um determinado grupo e conseqüentemente a criação da identidade. Pode-se afirmar que os três elementos culturais abordados nesta pesquisa possuem um caráter de símbolos étnicos, os quais marcam diferenças entre os colonos alemães e os demais munícipes, reafirmando a tradição e os valores culturais do grupo. Neste ponto, uso de uma reflexão de Hobsbawm<sup>118</sup>, onde ele apresenta que o passado pode ser revisitado, objetivando dar novos sentidos às velhas tradições.

Com o intuito de compreender os usos dos patrimônios percebeu-se na observação etnográfica que o patrimônio do Kerb é uma tradição a qual foi passada ao longo do tempo, assim podemos recorrer às reflexões feitas por Ranger e Hobsbawm. Estes autores utilizam a expressão tradição inventada como algo que foi extraído do passado e reutilizado em novas práticas<sup>119</sup>. Sendo assim, observa-se que na festividade do Kerb há a presença de elementos antigos, uma vez que estes significam uma continuidade por meio da repetição de ritos por parte dos munícipes. A “invenção da tradição”, no caso do Kerb, deu-se ao longo dos anos, quando os idealizadores organizavam o evento, buscando símbolos que os identificassem como alemães, e com o passar dos anos, mantiveram e reforçaram estes laços com a ascendência germânica e a identidade da comunidade e do município, e firmaram-se como uma localidade de alemães. Assim, a festa mantém a identidade alemã no município de São Carlos. Deste modo, a festa é mais do que simples diversão, mas um momento onde são difundidas práticas sociais, por meio de símbolos festejados.

---

<sup>118</sup>HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.). **Tradições inventadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 14.

<sup>119</sup> Ibid., p. 9.

As construções em enxaimel são a materialização da memória no município, representando ali a forte herança da colonização alemã. A identidade se concretiza por meio de símbolos e as casas de enxaimel no município de São Carlos são símbolos da cultura alemã. Assim, a cidade de São Carlos é um lugar de memória. Pierre Nora, define lugar de memória como sendo,

“Os lugares de memória não tem referentes na realidade. Ou melhor, eles são, eles mesmos, seu próprio referente. [...] lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso; fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade; e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações”<sup>120</sup>.

As edificações enxaimel são uma representação no espaço da memória do lugar. Elas são um símbolo que fazem sentido aos (i)migrantes, construindo a memória e a identidade dos sujeitos.

A língua, patrimônio imaterial, é um elemento que fortemente se faz presente no cotidiano comunicativo dos são-carlenses e conforme pode ser visto em trechos de entrevistas, os indivíduos possuem um sentimento de orgulho por possuírem descendência germânica, além disso, utilizam esse patrimônio para criar laços de identificação e de diferenciação étnica. Com base nos três patrimônios apresentados neste trabalho, conclui-se que os colonos alemães mantêm sua cultura em consonância com a tradição e a identidade, e o patrimônio vem sendo mudado e ressignificado com o passar do tempo.

Por fim, cabe destacar que existe um grande potencial para realizar estudos sobre o patrimônio da colonização do oeste catarinense, pois poucos estudos foram feitos até o momento. Pois, é através deste tipo de pesquisa que conseguimos compreender mais sobre os agentes envolvidos no processo de colonização sob um viés de aspectos culturais materiais e imateriais e consequentemente compreender a formação identitária e cultural.

---

<sup>120</sup> NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993. p.27.

## FONTES

BRASIL. Constituição (1988) **Constituição da República Federativa do Brasil**. Artigo 216. Brasília: Senado, 1988.

### ORAIS

FEYL, Selmira; NASCIMENTO, Neoli Alice. **Selmira Feyl e Neoli Alice Nascimento**: depoimento. Entrevistador: Emilia Royer. São Carlos, 2017. Casa da Memória – São Carlos.

HOSS, Waldomiro; HOSS, Amélia. **Waldomiro e Amélia Hoss**: depoimento. Entrevistador: Jefferson Luis Ribas de Oliveira. São Carlos, 2017. Casa da Memória – São Carlos.

JOHANN, Gastão. **Gastão Johann**: depoimento. Entrevistador: Alecssandro Dani Scalcon. São Carlos, 2009. Casa da Memória – São Carlos.

LEIDENS, Irineu; TERNUS, Terezinha. **Irineu Leidens e Terezinha Ternus**: depoimento. Entrevistador : Alecssandro Dani Scalcon. São Carlos, 2011. Casa da Memória – São Carlos.

URNAU, Ladi; BRAATZ, Salete Maria. **Ladi Urnau e Salete Braatz**: depoimento. Entrevistador: Emilia Royer. São Carlos, 2017. Casa da Memória – São Carlos.

WERLE, Marcelo. **Marcelo Werle**: depoimento. Entrevistador: Alecssandro Dani Scalcon. São Carlos, 2011. Casa da Memória – São Carlos.

### ICONOGRÁFICAS

Acervo Fotográfico – Casa da Memória – São Carlos (SC).

Acervo Fotográfico – Emilia Royer.

Acervo Fotográfico – Cleonice Beatriz Zart Dall’Agnol.

## REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo V. **Hunsrückisch in Rio Grande do Sul**. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen. Stuttgart: Steiner, 1996.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF- FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998. P. 187- 227.

\_\_\_\_\_, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. LASK, Tomke (Org.). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BRASIL: **500 anos de povoamento** / IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. - Rio de Janeiro : IBGE, 2007.

BRAUN, F. K.; História da Imigração alemã no Sul do Brasil. Nova Petropolis: Editora Amstad, 2010. v. 250. 137p.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. Florianópolis: 1994

FUNARI, Pedro Paulo e PELEGRINI, Sandra. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: 2006.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUIMARÃES, Manoel Luis Lima Salgado. **Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma história nacional**. Rio de Janeiro: 5 – 24. 1988.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996, p. 68-75.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.). **Tradições inventadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KERBES. Zenaide Ines Schmitz. **Conhecendo São Carlos**. São Carlos: Editora Porto Novo, 2004.

KREUTZ, Lúcio. Escolas étnicas no Brasil e a formação do Estado Nacional: A Nacionalização compulsória das escolas dos imigrantes. **Poiésis**: Tubarão, v. 3, n. 5, p. 71 – 84, Jan./Jun. 2010

LEMOS, Carlos. **O que é Patrimônio Histórico**. 5ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LENZI, Zuleika Mussi. **O Kerb em Santa Catarina**. Florianópolis. Ed. UFSC, 1989. p. 16.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.) **Escritas da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Ed. da Unesp, 1992, p. 133-162.

NEUMANN, Rosane Márcia. **Imigração e Identidade Etnica: a construção do “ser alemão” no sul do Brasil**. História: Debates e tendências, v.14, n.1, jan-jun.2014.

NODARI, Eunice Sueli. **Etnicidades renegociadas: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina**. Florianópolis. ED da UFSC, 2009.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

PELEGRINI, Sandra C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo 2006, v. 26, nº 51, p. 115-140.

PETRONE, Maria Thereza Schorer. **O imigrante e a Pequena Propriedade**. 2ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Col. Tudo é História, n. 38).

RADIN, José Carlos. **Companhias colonizadoras em Cruzeiro: representações sobre a civilização do sertão**. Tese de doutorado em História. Florianópolis: UFSC, 2006.

- RENK, Arlene. **A Luta da Erva**: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense. Chapecó: Argos, 2006. p. 69.
- ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo. 1993.
- SEYFERTH, Giralda. A Identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia. VASCONCELLOS, Naira. **Os alemães no sul do Brasil**: cultura, etnicidade, história. Canoas, 1994.
- SEYFERTH, Giralda. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. **Mana**, v. 3, n. 1, p. 95-131, Rio de Janeiro. 1997.
- \_\_\_\_\_, Giralda. “Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização”. In: MAIO, M. C. e Santos, R. V. (orgs.). **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz/CCBB, 1996.
- \_\_\_\_\_, Giralda. A Colonização Alemã no Brasil: Etnicidade e Conflito. In: Fausto, Boris (org). **Fazer a América**. São Paulo, EDUSP, 2000.
- \_\_\_\_\_, Giralda. **Identidade Étnica, Assimilação e Cidadania** – A Imigração Alemã e o Estado Brasileiro. Anpocs, 2008.
- SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 2ed- São Paulo: Contexto, 2009.
- SPINASSÉ, Karen Pupp. O hunsrückisch no Brasil: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Alemanha. **Espaço Plural**, n.19, p. 117-126, set.2008.
- VICENZI, Renilda. **Mito e História na Colonização do Oeste Catarinense**. Chapecó: Argos, 2008.
- VOIGT, André. **A Invenção do Teuto brasileiro**. Blumenau. Liquidificador Produtos Culturais, 2013.
- WEIMER, Günter. **Arquitetura popular da Imigração alemã**. 2 ed, Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2005.
- WERLANG, Alceu Antonio. Colonização Ítalo-brasileira, Teuto-brasileira e Teuro-russa no Oeste de Santa Catarina: a atuação da Cia. Territorial Sul Brasil. **Cadernos do Ceom**, v.13, n. 11, 1999, pp. 11-54.
- \_\_\_\_\_, Alceu Antonio. **Disputas e ocupações do espaço no oeste catarinense**: a atuação da Companhia Territorial Sul Brasil. Chapecó: Argos, 2006.
- WOLFF, Juçara Nair. **Espaços de sobrevivência e sociabilidade**: uma análise do cotidiano de São Carlos/ SC (1930-1945). Santa Catarina: UFSC (Dissertação de Mestrado) 1995.